Promoção do Letramento no Ensino Superior



Organizadores:

Ana Paula Berberian Maria Regina Franke Serratto Sammia Klann Vieira Ana Paula Berberian Maria Regina Franke Serratto Sammia Klann Vieira (Orgs.)





Curitiba 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca "Sydnei Antonio Rangel Santos" Universidade Tuiuti do Paraná

E61 Entre(Laços): ressignificando escolhas / org. Berberian, Ana Paula, Serratto, Maria Regina Franke, Vieira, Sammia Klann. – Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2024

86p.

E-book

Vários autores

ISBN 978-65-89187-10-3

- 1. Leitura. 2. Letramento. 3. Escrita. 4. Ensino superior.
- I. Berberian, Ana Paula. II. Serratto, Maria Regina Franke. III. Vieira, Sammia Klann.

IV. Título

CDD - 378



Reitoria

João Henrique Faryniuk

Pró-Reitora Acadêmica

Samantha Manfroni Filipin

Pró-Reitoria Administrativa

Camille Barrozo Rangel Santos Prado Pereira

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão

Bianca Simone Zeigelboim

Comissão Institucional de Editoração Científica

Dra. Josélia Schwanka Salomé Ma. Angela Helena Zatti Dr. Fausto dos Santos Amaral Filho Dr. Marcio Telles da Silveira Dra. Rita de Cássia Tonocchi

Coordenadoria de Pesquisa, Iniciação Científica e Editoração Científica

Josélia Schwanka Salomé

Secretária da Coordenadoria

Daniele Braga Machado

Produção Gráfica e Editoração Eletrônica

Haydée Silva Guibor

Projeto Gráfico e Imagem da Capa

Helena Berberian Vieira da Silva



Revisão de Língua Portuguesa Ângela Helena Zatti

Contato

Campus Sydnei Lima Santos

Rua Sydnei Antônio Rangel Santos, 245 Santo Inácio | CEP 82010-330 | Curitiba - PR

41 3331-7654 / 3331-7650 | editoracao.proppe@utp.br

Agradecimentos

Aos coordenadores e professores dos cursos de Graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Saúde da Comunicação Humana pelo apoio e por sempre acreditarem no trabalho desenvolvido na Oficina Promoção do Letramento.

Às professoras Dra. Bianca Simone Zeigelboim, Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, e Dra. Josélia Schwanka Salomé, Coordenadora de Pesquisa, Iniciação Científica e Editoração Científica, da Universidade Tuiuti do Paraná, pelo suporte e acolhimento.

À Haydée Silva Guibor, mais uma vez, pela parceria e comprometimento com o trabalho de editoração que atendeu plenamente nossas expectativas.

À Helena Berberian, por novamente dialogar conosco a fim de contribuir com a identidade visual das produções da Oficina Promoção do Letramento.

À Prof^a Dra. Maria Alzira Leite por compartilhar conosco a concepção de que a leitura e a escrita se constituem em uma construção social e discursiva, e de que a Educação é direito de todos. Obrigada pelo Prefácio.

À Prof^a Ms. Angela Helena Zatti, leitora atenta e carinhosa, responsável pela revisão das narrativas que compõem este livro. Nosso profundo agradecimento pela sua dedicação e trabalho.

Aos colegas de trabalho do Laboratório de Som e Imagem da Universidade Tuiuti do Paraná, Lothário, Rochinha e Marcelinho, grandes parceiros com os quais podemos contar a qualquer momento.

E, também, aos colegas do setor de Tecnologia e Informação da Universidade Tuiuti do Paraná com sua disponibilidade em contribuir com esse projeto.

Prefácio

Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo. (Barros, 2013, p. 1)¹

"Cada um de nós tem uma história com a leitura e com a escrita!" Quem me conhece, já sabe que esse enunciado faz parte da minha essência enquanto educadora. E mais do que isso, nessa enunciação, está a valorização da teia de saberes do outro, haja vista a alteridade e as formas de (re)escrever o mundo.

Nas linhas e nas (entre)linhas dos percursos de letramentos, a partir do universo de práticas – desde a infância à fase adulta – vamos desenhando o nosso repertório textual oral, escrito, multissemiótico – nas/para redes dialógicas.

Com uma escrita que nasce do anfêmero, 'colocamos' na tela ou no papel os medos, os enfrentamentos, os anseios e as vitórias. Essa ação de materializar as experiências nos estimula, inclusive, a corroborar o propósito de que "nada do que

vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas". Ora, a criação delineia a progressão narrativa que ultrapassa o ato de 'contar'; de se comunicar. Desse modo, nas trilhas do dizer, existe uma ação de (ar)riscar, isto é, de corporificar os sentimentos que correm pela constituição identitária do leitor e do escritor.

E é nesse cenário que se insere esta segunda obra – a qual tenho o privilégio de elaborar o prefácio – e cujo resultado faz parte de um *continuum* de ações formativas, intercambiando, assim, pesquisa e extensão, e ainda, com vistas às práticas que envolvem a Promoção da Acessibilidade ao Letramento no Ensino Superior, junto ao Curso de Graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Mestrado e Doutorado em Saúde da Comunicação Humana – Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Com a mediação das Professoras Ana Paula Berberian e Maria Regina Franke Serratto, em colaboração com os graduandos, esse coletivo abre espaço para eventos de letramentos que oportunizam uma (form)ação na e para além da Universidade.

Logo, numa esteira de autonarrativas, na obra 'Entre(laços): ressignificando escolhas', os acadêmicos nos convidam a participar de suas histórias, a se emocionar e também a se inspirar com elas. À luz das diferentes realidades, os autores nos apresentam as dimensões que atravessaram as correntes de suas escolhas. Nos entre(laços), os narradores se compõe e trazem em si o outro que o transforma e é transformado por ele.

Portanto, no viés tênue entre o planejar e o enunciar, na seleção lexical e semântica, buscase nas experiências, o repertório das "escrivivências", que, imbricado nas formações do sujeito – nas memórias culturais e nos conhecimentos – ganha 'corpo' e é verbalizado. Essas experiências, oferecidas aos interlocutores, permitem o encontro com a construção social e discursiva, que às vezes parece acabada, todavia, com as novas práticas, percebe-se uma gradação cuja representação nos remete à incompletude.

Ao longo da obra, as práticas linguageiras não são atividades apenas cognitiva, mas, também sociais e interacionais – centradas na formação e no aprendizado ao longo da vida. Logo, ao apreender as 10 narrativas que cada um traceja para si, (re)conhecemos a existencialidade singular, plural e criativa do outro.

¹ Conceito utilizado pela escritora Conceição Evaristo.

Nestas páginas, podemos reconhecer uma práxis que, amparada no exercício da leitura e dos saberes de mundo, retextualiza os processos de letramentos na Universidade.

Em vista disso, as formas de expressão enriquecem o *design* do trabalho colaborativo. Adentrar-se nessa seara é fazer parte de uma tessitura de vozes que não perde de vista as histórias, isto é, as nossas histórias!

Boa leitura!

Maria Alzira Leite

Apresentação

As Histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos — uma consciência essencial, que se desenvolve com o confronto com a voz alheia (...) Poucos métodos são mais adequados a essa tarefa de percepção mútua do que a narração de histórias (MANGUEL, A.A. A cidade das palavras: As histórias que contamos para saber quem somos. Companhia das Letras, 2008:19)

A escrita de narrativas biográficas, a partir de uma perspectiva social e histórica, é um ato responsivo, uma prática potencialmente transformadora, capaz de ampliar consciências de pessoas que participam de uma rede dialógica a partir da qual, histórias singulares e coletivas, continuam sendo elaboradas e ressignificadas.

Como parte de um processo inacabado, no qual passado, presente e futuro se entrelaçam, as narrativas nesse livro publicadas não são da ordem do privado, estão no entre meio dos diálogos entre os (co)autores das histórias contadas. Os narradores-autores materializaram na escrita, experiências vividas e relatadas com e por outros.

Inacabadas e transitórias, as narrativas que circulam nesse livro foram escritas a partir de encontros semanais, durante os anos de 2022 e 2023, realizados

numa Oficina denominada *Promoção do Letramento no Ensino Superior*, por docentes e discentes dos cursos de graduação em Fonoaudiologia e do Programa de Pós-graduação em Saúde da Comunicação Humana da Universidade Tuiuti, em andamento desde 2017.

As pessoas que fazem parte desse grupo estão comprometidas com a superação de uma problemática de abrangência nacional que atinge parcela significativa dos referidos discentes quanto às suas restritas condições de leitura e escrita, as quais limitam as possibilidades de participação crítica e ativa na formação acadêmica-profissional. Estão assentados na crença de que o direito à Educação, em todos os seus níveis, quando comprometida com o exercício da cidadania, precisa criar condições para a promoção do letramento.

A escrita desse livro, composto por narrativas em torno de experiências, relações, caminhos, desafios, entonações e afetos que levaram seus autores a escolherem realizar um curso de graduação, reitera o compromisso ético e político desses em ocupar uma posição dialógica e de autoria na formação pessoal/profissional, na escrita e na vida.

Experiências que marcaram a história de vida dos autores são anunciadas breve e oralmente nessa apresentação. Como uma entrada para as narrativas escritas, **acesse o QRcode:**





Ana Paula Berberian

Desafiada, mais uma vez a (re)visitar e (re)contar caminhos percorridos que me levaram a escolher uma profissão que demandava a realização de um curso de graduação, no caso de Fonoaudiologia, significa continuar tecendo a trama, (re) construindo experiências e sentidos e reconhecendo-me, um pouco mais, como autora de minhas escolhas e histórias. Surpreende-me o dinamismo da(s) minha/nossas vida(s) e de suas narrativas. Hoje, alguns sentimentos e acontecimentos ganham luz e centralidade quando me coloco a indagar sobre a minha trajetória acadêmica-profissional. Por que esses e não outros sentimentos e acontecimentos? Como eles se entrelaçam, criam sentidos e compõem as cenas aqui reveladas? Perguntas que ecoam e que a razão não dá conta de respondê-las, mas que movimentam as minhas histórias, a minha vida e o que vou contar.

Nasci em São Paulo, no ano de 1964, filha de Jacob e Thereza Maria, descendentes de armênios (Gaspar e Dikranohi) e de portugueses (José e Hortência) vindos para o Brasil no início dos anos 1900. A vinda do meu avô materno ocorreu para evitar o seu alistamento no exército português e a da minha avó pela necessidade de superar a pobreza vivida pela sua família. Os meus avós paternos vieram para o Brasil, em condições muito mais precárias, fugindo do massacre de parcela significativa da população armênia. Imigrantes forçados a deixarem seus países, eles tiveram de enfrentar diversos desafios para lidarem com as perdas e

com a construção de uma vida num país estranho. Acredito que a tristezas, saudades, dificuldades econômicas e a diversidade cultural, e especial, relativas à língua, foram os principais.

O fato de meus pais serem filhos de imigrantes que vieram ao Brasil para fugir de duas situações de extremo sofrimento, a guerra e a fome, marcou suas trajetórias e, por extensão a minha. Minhas referências e meus afetos foram se constituindo a partir de relações/trajetórias atravessadas pelo enfrentamento e pela ressignificação de marcas/experiências de resiliência, adversidades, diversidades e, acima de tudo, pelo compromisso imperativo com a resistência e superação.

Destaco, ainda, que as tramas, singulares e sociais, envolvidas com minhas escolhas estão relacionadas ao fato de meus pais terem uma escolaridade bastante limitada. Meu pai cursou apenas as séries iniciais e minha mãe, o que hoje é denominado como ensino médio. Apenas o irmão da minha mãe pode concluir um curso superior, o de medicina, sendo o único membro da família com esse nível de formação. Ele representava, ao mesmo tempo, uma referência próxima e um ser superior, distante como se não pertencesse à família.

Os caminhos que meus ancestrais seguiram para se inserirem numa nova comunidade, para terem acesso a condições materiais de vida satisfatórias prescindiram de uma formação escolarizada. Aprender uma nova língua (no caso de meus avós paternos), trabalhar duro, ajudar familiares e pessoas oriundas de seus países de origem foram as prioridades de meus avós e de meus pais. Para dar conta dessas prioridades, os estudos não se colocavam como horizonte possível e, portanto, assumiam um valor e importância secundários.

As vidas, pessoal e profissional de meus avós e, sucessivamente, dos meus pais, foram estruturadas e estiveram atreladas junto aos ramos empresarial e comercial. Acredito que o trabalho árduo dispensado para construírem um caminho profissional capaz de prover, econômica e socialmente, uma vida digna os levou a criar expectativas de que seus descendentes, no caso eu e meus dois irmãos, Jacob e Rosana, fôssemos manter e dar continuidade ao já conquistado.

Nesse movimento, além de meus pais não nos demandarem para além da formação escolar básica, eles explicitavam a intenção de que trabalhássemos junto ao ramo de calçados a exemplo de meu pai.

Não tenho clareza por que as escolhas de meu pai, em relação ao comércio, nunca fizeram eco em mim; tampouco lembro em que momento a ideia de cursar uma faculdade passou a dar

sentido aos meus sonhos-projetos. De qualquer forma, o valor que meus pais atribuíam ao trabalho foi incorporado por mim, representando um de seus principais legados.

O valor posto no trabalho foi incorporado por mim desde muito pequena. Por volta dos meus 7 anos de idade, pensava que as possibilidades de escolha das mulheres estavam, diretamente, relacionadas ao sucesso no trabalho e às suas condições financeiras. Recordo alguns pensamentos e percepções em relação à posição de mulheres que conhecia: as via aprisionadas a uma vida sem muita chance de sonhar, de construir projetos, enfim, de fazer escolhas. Já naquele momento, a ideia de que deveria casar e ter filhos, como certa e única possibilidade de felicidade, passou a gerar em mim sentimentos de medo, angústia e ansiedade.

Aquelas verdades, impostas como absolutas, não pareciam tão sólidas e inquestionáveis, além de remeterem a uma sensação assustadora, ou seja, a uma imagem delineada por grades que compunham uma jaula. Essa imagem refletia uma percepção da realidade que fazia parte do meu entorno.

As mulheres casadas nem sempre pareciam de bem e em paz apenas executando a função de criar condições e a logística para que seus maridos e filhos pudessem estudar, trabalhar, viajar, produzir, criar, enfim, viver experiências para além do contexto familiar.

Comecei a buscar caminhos para me libertar da ideia de casamento como uma imposição, ou seja, como um fato determinante para ser reconhecida como mulher e como pessoa. Foi nesse movimento que ideias como estudar, ter uma profissão, contribuir para a construção de um mundo mais justo, prover o meu sustento passaram a delinear meus pensamentos, meus sonhos e a minha história.

Contudo, aparentemente de forma paradoxal, ao longo de minha formação básica fui uma aluna mediana, bem mediana. Isso me incomodava ao ponto de apresentar sintomas físicos, quando não conseguia ser uma boa aluna, parecia que eu era uma pessoa fraca e que estava me afastando dos meus sonhos e desejos e me direcionando para o lugar do qual pretendia fugir.

Oscilando em visões marcadas, ora por sentimentos de potência, ora de incapacidade, aos poucos fui acreditando e construindo uma identidade de uma aluna/pessoa que, talvez, pudesse ser capaz. Foi um processo difícil, assombrado por muitas dúvidas e, em especial, tensionado pela

situação escolar, pouco favorável, de meus irmãos, pois não conseguiam se afastar da responsabilidade de darem continuidade aos negócios da família.

Outra experiência da infância e do início da adolescência me ocorre e me põe a estabelecer relações com o despertar do meu desejo de ter uma profissão e de realizar um curso de graduação. No contexto familiar passei a ocupar o lugar da filha inteligente e que, portanto, deveria ter um bom desempenho escolar. Compromissada a corresponder a essa posição passei a assumir como ideal ser a pessoa inteligente e provar que as mulheres podiam fazer algo importante para além de se casar. Sonhava com profissões quase inatingíveis, diria que espetaculares: ser astronauta, arqueóloga, diplomata etc. Como processos interligados, de quem se pretendia mulher e profissional, comecei, também de forma ousada, a sonhar com atores-estrelas do cinema e com encontros platônicos e, lógico, perfeitos.

A expectativa e o desejo de ter uma profissão, de fazer algo, socialmente importante, de desenvolver pensamentos críticos, de conhecer música, cinema e literatura, de participar de movimentos comunitários passaram a brotar em mim com força e a vitalizar a minha vida.

Foi na escola religiosa e comandada por freiras, na qual estudei do primeiro ano do Ensino Fundamental até o segundo do Ensino Médio, que essa força foi ganhando forma. Participando de projetos sociais, junto aos alunos e professores da escola, comecei a estabelecer uma estreita relação entre ser uma mulher independente e uma profissional capaz de contribuir com a construção de uma sociedade justa e livre de preconceitos.

Foi, também, durante a trajetória naquela escola que as contradições começaram a se apresentar, me angustiar e direcionar minha escolha profissional. Era evidente que as igrejas tinham vastos bens materiais, embora pregassem por justiça, fraternidade, igualdade. Precisava entender essas contradições, percebia a necessidade de estudar para encontrar respostas para valores que não fechavam, que não convenciam, enfim, para entender: por que vivíamos numa sociedade tão desigual, cheia de violência, pobreza e preconceito e, ainda assim, ela parecia ser a única possibilidade de existência? Pensei em seguir várias profissões, para além das já comentadas, mas foi por volta dos 16 anos que a Fonoaudiologia apareceu no meu horizonte.

Remeto esse fato, especialmente, a duas situações. Meu tio, o formado em medicina, teve um AVC e, após um ano meu avô. A partir dessas situações pude testemunhar que os dois precisavam

de ajuda em vários sentidos e, principalmente, para dialogarem e se relacionarem com as pessoas. Essa percepção me motivou levou a indagar qual profissional poderia ajudá-los em relação às suas limitações que passaram a ter de enfrentar e foi naquele momento que a Fonoaudiologia passou a existir para mim.

As implicações do AVC na vida do meu avô eram mais sensíveis e me impactaram decisivamente. Isso porque, além de morarmos juntos e ele ser uma das minhas paixões, me tornei a sua principal companheira e, em certa medida, cuidadora. As experiências com o meu avô, compartilhadas naquele momento, tornaram evidente o fato de que limitações da fala limitavam suas possibilidades de troca e de estabelecer relações afetivas/ familiares e de continuar ocupando o lugar que lhe cabia, ou seja, de um homem inteligente, maduro, ético e generoso. Se, por um lado aquela situação me fazia sofrer, devo admitir que o universo começou a conspirar em direção da Fonoaudiologia.

A vida tem dessas contradições, pois ao mesmo tempo vivia o sofrimento e a descoberta por um desejo pela Fonoaudiologia, em função das limitações de fala do meu avô.

O universo continuava conspirando. Naquele período, ganhei de uma grande amiga o livro "1964" de George Owel. O autor escreve uma história de uma sociedade cujo ditador tentava dominar as pessoas controlando o desejo, o prazer, as relações, as experiências e, sobretudo, a língua, a linguagem.

Dentre tantas formas de opressão, a máxima do livro que ecoou e se mantém ecoando num eterno e inacabado processo de constituir-me mulher-profissional-fonoaudióloga é que: o controle dos diversos modos de fala visa não só controle dos modos de dizer a vida, mas de vivê-la, enfim, pretende silenciá-la, aprisioná-la, naturalizá-la e normatizá-la.

Após o encontro com esse livro, fiquei atravessada pela percepção do poder paradoxal da linguagem na vida das pessoas e da sociedade, o que resultou na escolha pela Fonoaudiologia.

Enquanto aluna da graduação, passei a experimentar angústias e sentimentos de incapacidade, atualizando sofrimentos vivenciados nos primeiros anos de escolaridade, em função das minhas restrições condições de ler, de escrever e de falar no contexto educacional-acadêmico.

Se os sofrimentos vivenciados nos anos da graduação eram velhos conhecidos, a escolha por uma profissão, cujo objeto de estudo e de atuação é a linguagem, foi crucial para o enfrentamento

das barreiras e limitações vividas durante a minha constituição como leitora, escritora e falante. Logo após ingressar no curso de Fonoaudiologia, passei a ter consciência que o entendimento crítico sobre os aspectos amplos e singulares que fizeram parte dessa constituição era fundamental para que eu pudesse me deslocar de um lugar de incapacidade para o de autoria.

Durante a minha formação básica, nasceu o desejo pela docência e, hoje como professora e fonoaudióloga, reconheço que essas escolhas ocorreram por representarem possibilidades para enfrentamento das contradições que o poder da linguagem opera em mim e nas pessoas uma vez que, ao mesmo tempo, tem o potencial de reprodução e criação, destruição e construção, exclusão e acolhimento, alienação e consciência, silenciamento e autoria.



Bruna Portela

Sobre 4 rodas escrevo a minha história, de lá pra cá, de cá pra lá, já morei em vários lugares, mas, no momento, Curitiba. Começando mais um capítulo da minha vida, aos 18 anos fui morar sozinha. Precisei sair de Guarapuava, cidade na qual residia com meus pais, com um objetivo: de me tornar fonoaudióloga.

Sempre tive contato com a área da saúde pois meus pais trabalharam a vida toda em hospitais, então sempre soube que queria cursar algo relacionado. Quando conheci a fonoaudiologia, não tive dúvidas que era essa a profissão para a minha vida. Um curso que se intercala dentro da área da saúde e da educação.

Meu primeiro contato com esse nome FONOAUDIOLOGIA foi quando estava em um jantar de família: minha prima Karina Portela começou a contar como era trabalhar na área, pois ela já é formada e trabalha há anos como fono.

Com tudo o que ela contava sobre suas experiências com pacientes, o modo como trabalhava e as vastas áreas que a fonoaudiologia abrange, tive certeza de que era essa profissão que queria em minha vida.

Comecei a procurar as faculdades que tinham essa graduação, porém me deparei com a notícia de que na minha cidade não ofertavam o curso e teria que me mudar se quisesse continuar com esse sonho. Fiz todos os vestibulares do Paraná que disponibilizavam o curso de forma presencial e, com muito esforço e dedicação, passei em todos os vestibulares que concorri. A questão agora era em qual começar essa jornada...

Comecei a conversar com meus professores, pois na época estava no 3º ano do ensino médio e eles eram minhas referências em questões de saber mais sobre universidades e quais critérios levar em consideração. Com isso, percebi que a Universidade Tuiuti do Paraná seria a melhor opção, até porque conseguiria ficar mais próxima da minha prima.

Meus pais sempre moraram no interior do Paraná e sei que para eles não foi algo fácil, pois a única filha, que acaba de concluir o ensino médio, sairia de casa e iria morar numa cidade grande. Mas eles me apoiaram, pois no fundo sabiam que era a melhor opção.

Morar sozinha numa cidade grande traz vários desafios. A saudade de casa era inevitável, amizades e amores que ficariam para trás. O começo, até a adaptação, foi difícil, confesso! Muita coisa nova, sentimentos e afazeres, o peso da responsabilidade e a grande chegada da vida adulta. A garota que passou seu ensino médio em formato remoto, pois foi bem na época da pandemia da covid 19, ingressando na graduação. Contudo, com muita sorte, tive apoio dos meus familiares e namorado que, na época, mudou para Curitiba comigo.

Dentro da graduação, cada matéria que chegava eu adorava. Iniciei então em um grupo de extensão que o curso ofertava, o letramento acadêmico pois, como havia falado, fazer o ensino médio de forma remota não foi muito fácil, então não me sentia nem um pouco preparada para questões como a leitura acadêmica. Achei de grande valia essa extensão, aprendendo cada vez mais e conseguindo me situar no que estava fazendo, me sentindo cada dia mais preparada e confiante.

Os meses foram passando e, conhecendo outras matérias e professores, também ingressei em outros grupos do curso de fonoaudiologia, como análise acústica e fissuras labiopalatais. Já disse, tudo dentro da graduação me chamava a atenção. Acredito que, quando estamos em um meio no qual nos identificamos, nada fica cansativo e, sim, algo que nos motiva a continuar e, quando me refiro a continuar, quero dizer, sempre aprendendo mais.

Tive uma oportunidade para ser estagiária em trabalho home care com disfagia e cuidados paliativos. Simplesmente me encontrei dentro dessa temática, observei vários pacientes em sua finitude de vida, aprendi que devemos ter um olhar diferente com eles. Estudando mais sobre, tive a percepção que dentro da graduação não se falava tanto. Não temos uma matéria específica e muito menos prática dentro da graduação. Graças ao estágio, conseguir ver como é, de fato, essa rotina e como os fonodiologos fazem terapias nesses pacientes.

Fazendo uma reflexão, atentei que, dentro da minha família, uma das minhas avos faleceu de AVC hemorrágico; eu era pequena, mas lembro da sensação da perda e como por anos queria que ela voltasse, como gostaria que ela tivesse sobrevivido. Porém hoje, após ter buscado conhecimentos e ter visto na prática, sei que um paciente que passa por esse processo sai com várias sequelas e, com isso, percebo meu primeiro contato com os cuidados paliativos. Na minha infância sempre quis que ela estivesse comigo, porém, se sobrevivesse, qual seria a qualidade de vida dela? Não posso afirmar com certeza que ela teria uma, mas, em meu egoísmo de neta, de querer a vó comigo a todo custo, vale de quê, se ela não estaria vivendo bem.

Dentro do curso de fonoaudiologia aprendi como são as terapias com esses pacientes e como eles voltam após um acidente vascular cerebral. Então, percebo que a melhor qualidade de vida para ela foi o que de fato aconteceu.

Eu e minha prima, a Dra. fonoaudióloga Karina Portela, desenvolvemos um projeto chamado fono-dialogando sobre cuidados paliativos, em que estudantes e profissionais dialoguem sobre essa temática e falem como são seus trabalhos com esses pacientes. Como graduanda, fico feliz em saber como funciona de fato a prática com esses pacientes, um conhecimento único que estou adquirindo por meio desse projeto.

E, junto a isso, surgiu a ideia de uma iniciação científica que busca analisar os conhecimentos dos meus colegas graduandos de fonoaudiologia de períodos diferentes para saber o seu nível de conhecimentos referentes a cuidados paliativos.

É! De fato, a menina que chegou numa cidade grande, que mal sabia como estudar, agora se encontrou. Sobre 4 rodas escrevo minha história, a história que só está começando, e já deixo a pulga atrás da orelha de como tudo isso ficou após os anos dentro da universidade. E, logo irei escrever a próxima parte da minha história!



Daniele Santana Carmo Cardoso da Silva Serra

A história da minha vida percorreu alguns estados do Brasil. Por meios culturais, crenças e, principalmente, por variações linguísticas, acredito que, ao contar a minha história, ela terá um efeito curativo em mim e, a você, enquanto leitor, espero que ela possa transformar os desafios em superar limites de acordo com as suas perspectivas, assim como eu.

Partes de tudo que vivenciei até hoje me constituíram como pessoa marcada por costumes de muitos lugares nos quais morei: formas de falar, que trago comigo dos meus avós maternos, paternos e escolas onde estudei.

Nasci na capital de São Paulo. Éramos só nós duas, eu e minha mãe. Mas logo fomos para o interior da Bahia, sua terra natal, onde passou a trabalhar na paróquia da igreja católica. Quando eu estava com meses de vida, ela sentiu a necessidade de mais oportunidades de emprego, me deixando com meus avós maternos e voltando para São Paulo, Capital.

Me recordo da forma que vovó enfrentava as adversidades da vida, com muita leveza e fé. Uma mulher bondosa, inspirava respeito. Ela foi muito importante na minha vida. Me levava para seu trabalho: uma escola onde realizava a limpeza e, em outros momentos, fazia a -merenda-, o lanche dos alunos. Lá nós passávamos o dia inteiro: eu comia, eu brincava. Foi onde aprendi a falar as primeiras palavras: mamãe, vovó, água, mesa e livro.

Sempre juntas, visitávamos vovó Cicília que, na verdade, era minha bisavó e que faleceu com 100 anos. Ela contava histórias de sua vida e amava cantar sambas de roda. Eu cresci convivendo com pessoas idosas, pois era o círculo de amizades de vovó Delza, entendendo suas dificuldades e respeitando suas escolhas, compreendia suas particularidades e formas de se comunicar, que horas expressava com olhares, mímicas faciais, que diziam muito além da oralidade.

Meu avô era muito impaciente, bruto. Não podemos julgar quando passamos a compreender o contexto familiar do qual viera e, culturalmente, como o homem daquela época se portava perante a família e amigos. Infelizmente, voltou de São Paulo com uma surdez profunda, depois de longos anos de trabalho sem o uso de proteção – os devidos EPIs.

Foi para fila de espera por um aparelho auditivo no SUS, o que demorou muito. Ele se isolava, não queria falar, mas comigo era só carinho, me contava anedotas, o que nos provocava muitas gargalhadas. Quando me tornei um pouco maior, eu o acompanhava em suas consultas e lá ouvi falar, pela primeira vez, fonoaudiologia. Caminhando para a via sacra na semana santa, andando nas ruas de pedras, ouvido o barulho delas ao pisar, me fazia pensar o que eu iria ser quando crescesse.

Um dia perguntei, na catequese, se eu poderia ser coroinha para sempre? E recebi um NÃO, que ecoava na minha mente.

Vovó sempre dizia:

- Seja uma boa menina!

Ela perguntava para mim:

- Você vai ser professora?

Outras horas:

- Você vai ser doutora?

Em resposta eu dizia: quero ser uma boa doutora. Minha infância foi perfeita, para mim tudo era maravilhoso. Morávamos na casa velha: dentro e fora tinha terra e quando chovia, vinha o cheiro de terra molhada, amo este cheiro.

Ao cair do dia, usávamos um candeeiro, assim eu conseguia juntar as primeiras letrinhas ao tentar ler a Bíblia, o único livro que tínhamos disponível em casa. Fui criada pelos meus avós

maternos até meus sete anos, mesmo com tantas dificuldades eles nunca me deixavam faltar a escola onde tenho boas recordações. Me recordo da primeira professora.

Quando mudei para São Paulo, estava sempre a tagarelar: a comunicação era presente. Voltei a morar com minha mãe e, fazendo amizades, percebia que os amigos paravam para me ouvir atentamente, meu sotaque era diferente, eles diziam. Não demorou muito mudamos novamente, indo para o interior de São Paulo. Estudei em uma escola que têm o formato de um navio. Lá começaram minhas dificuldades ao escrever, o alfabeto era ditado com uma pronúncia diferente da que aprendi na Bahia.

No início da minha adolescência, voltei a morar na Bahia.

Aos meus vinte e um anos, minha primeira filha – a Lara - nasceu e não haviam sido diagnosticadas, na gravidez, suas condições de anomalias maxilo-faciais: a Sequência de Pierre Robin, anomalias congênitas que são consideradas raras, associadas a obstruções das vias aéreas superiores e, por conseguinte, disfunções afetando a sucção, deglutição e apneia obstrutiva do sono.

Entre vários momentos de tristeza e medo, tive a boa experiência de conhecer profissionais capacitados e com olhar humanizado que nos acolheram, no Hospital Geral da Bahia. Eles estavam fazendo o possível para que minha filha sobrevivesse.

Na memória, o médico – responsável por me dar a notícia da síndrome – me mostrou o caminho longo que teríamos para que Lara tivesse a vida mais comum possível: apresentou, no computador do hospital, um artigo científico sobre a síndrome e este foi meu primeiro contato com um texto acadêmico. Era difícil de compreender, pois se tratava de um vocabulário enriquecido que padronizava a comunicação elevando a credibilidade clínica. Para que fosse possível entender, ainda me apresentou outros estudos na área de fonoaudiologia, algo que possibilitaria à minha filha ter mais qualidade de vida.

Me encantei com a fonoaudióloga da minha filha que contribui muito na redução de complicações que acometem o funcionamento do sistema respiratório e a ingesta nutricional. A atuação da fonoaudiologia e equipe multidisciplinar foi imprescindível para possibilitar a introdução da dieta oral da Lara, proporcionando a retirada de sonda nasoenteral, devolvendo para ela o prazer alimentar.

Escrevia todos os dias na árvore da vida! Ela era enorme, ficava no corredor ao lado da UTI Neonatal. Quando se chegava, dava para ver de longe, projeto que foi desenvolvido para que os pais dos pacientes escrevessem e colassem bilhetes com o propósito de serem lidos para os filhos quando fosse o horário de visita ou estivessem de alta. Moramos um ano no hospital entre UTI neonatal e Semi-intensiva.

Passamos por tudo juntas, eu e Lara. Tivemos o apoio de minha mãe e namorado, que me incentivou a voltar estudar para concluir o ensino médio que, no interior da Bahia, só tinha na parte da tarde. Assim, voltei a estudar. A rotina de voltar ao hospital era constante para sequenciar os atendimentos da minha filha. Morava há cinco horas da capital, contudo fui persistindo, consegui concluir o ensino médio regular e fiz o Enem.

Meu namorado foi morar em São Paulo, começou a trabalhar e passou no vestibular para odontologia. Fiquei estudando, me preparando para prestar vestibular, a vontade de fazer uma graduação se tornou um objetivo, pois queria saber mais como ajudar minha filha e outras crianças com síndromes raras, queria cursar Fonoaudiologia.

Pesquisando na internet sobre a graduação, apareceu a Universidade Tuiuti do Paraná. Consegui ver fotos e imaginei que um dia poderia estar estudando lá. Estava fazendo muitas pesquisas e conseguir ter acesso a artigos científicos relacionados à síndrome da minha filha, o que me ajudou a saber como ajudá-la em casa. Encontrei o trabalho de uma fonoaudióloga de Curitiba. Por ser tratar de pneumonia aspirativa em crianças disfágicas, algo que era recorrente com minha filha, foi o artigo com o qual mais me identifiquei na época.

Certo dia, em 2015, eu estava molhando plantas no quintal da minha avó: ela gritou e disse que sentia dor, algo que nunca reclamou ou nos contou. Depois que passou pelo primeiro médico começou a fazer vários exames para entender o que estava a acontecer.

Em três dias, ela estava internada e logo foi transferida para um hospital filantrópico em Salvador. Ficávamos eu durante a noite e minha mãe de dia. Era difícil de aceitar a triste notícia do câncer de pâncreas que a levava muito rápido. Eu não saia de perto, sempre estava lá ajudando na higiene oral, alimentação e fazendo-na sorrir. Perguntava para equipe médica como melhorar

a vida de vovó, até que o médico falou que ela estava em cuidados paliativos, que era para entender e deixá-la ir com dignidade!

Meu mundo caiu.

Ali consegui compreender que eu precisava continuar forte, apoiar a ela e à família sem chorar, fazê-la sentir todo meu amor e gratidão, por tudo que ela fez por mim.

Em um último momento de fala, vovó Delza me disse:

- Dani, vá estudar, vá embora de Rafael Jambeiro, não tenha medo de sair de casa, seja forte! Naquela noite rimos muito lembrando das histórias que vovô nos contava.

Vovó partiu na noite de ano novo. Depois daquela noite, chorei muito, pois me sentia perdida.

Transcender era difícil para mim, mas tinha a necessidade de buscar algo novo. Ter a capacidade e o desejo de romper o que me limitava no interior da Bahia me fez mudar, deixando minha filha com minha mãe e meu avô materno por um tempo, para trabalhar e estudar. Minha mãe me ajudou a viajar para o Paraná, onde tive lugar para chegar e correr atrás de emprego. Chamada para entrevista no mesmo mês, consegui emprego, uma escola de idiomas em Curitiba.

O que parecia fácil a cada dia se tornava mais difícil pois, mesmo com o PROUNI e Fies, na época, não conseguia manter os gastos para sair da região metropolitana e estudar na universidade que eu sonhava, a Tuiuti. O sonho ficava mais distante. Meu namorado veio me visitar e falou que estava difícil manter a faculdade de odontologia e trabalhar, que precisava trancar a faculdade, e isso me deixou triste, não tinha como ajudá-lo a continuar os estudos, mas teríamos um ao outro para apoiarmo-nos.

Estávamos morando juntos e noivamos. Não tínhamos nada, só um colchão de ar. Com perseverança e determinação, fomos batalhando e conseguindo comprar móveis para o nosso lar. Meu noivo vendeu muitos dos seus materiais de odontologia para a gente conseguir organizar as contas até que os dois estivessem trabalhando.

Passados alguns meses, eu engravidei de gêmeas: uma gravidez de alto risco que me afastou do trabalho e logo não teríamos condições financeiras para realizar o sonho de estudar. Mas o sonho de formar uma família estávamos a construir. As gêmeas nasceram bem, eu voltei à rotina de

trabalho e nos casamos. Quando Helena e Heloísa estavam com dois anos, fomos buscar a Lara no interior da Bahia. Morando na região metropolitana, continuamos com as rotinas de atendimentos de Lara em Curitiba.

Em meio à pandemia de COVID-19, tive que sair do trabalho. Foi quando começamos a conversar novamente sobre como iríamos nos organizar financeiramente para que um de nós dois pudesse estudar, desejando um futuro melhor.

Quase que impossível fazer uma graduação, em meio à pandemia, fiz o vestibular e passei para fonoaudiologia, porém para mim não fazia sentido cursar a graduação da área de saúde em EAD, foi por isso que comecei e tranquei.

Conversando com meu esposo, resolvemos vender o carro entre outras economias para que eu pudesse fazer a graduação de Fonoaudiologia na Tuiuti. Tínhamos a certeza de estar no caminho certo. Entrei em contato com a universidade e consegui transferência.

Passando o vestibular de inverno, procurei a Prof.ª Dra. Maria Regina, coordenadora do curso de fonoaudiologia da Universidade Tuiuti do Paraná, para tirar dúvidas acadêmicas e de transferência, que me acolheu e orientou.

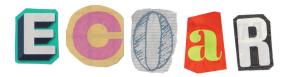
Quando iniciei no primeiro semestre na universidade, entrei na liga acadêmica LAFAT e, logo depois, no grupo de extensão Saúde Fissura Lábio-palatina. Compreendendo um pouco mais o mundo acadêmico e conhecendo os professores, procurei realizar iniciação científica na graduação, o que me aproximou da Prof.ª Dra. Rita. Ao falar com ela, contei minha história e da minha filha, e a vontade de falar sobre a síndrome em forma de projeto para ajudar pais e indivíduos. Começamos a trabalhar neste tema e, a cada dia, eu me identificava mais com a futura profissão.

Em sala de aula, com a Prof.ª Ana Paula, falamos de como a fonoaudiologia contribuiu nas práticas de linguagens no Brasil e a forma que o indivíduo se constitui através da cultura de um lugar e a forma de se colocar no mundo. Consegui me ver nestes contextos aprendendo de forma ativa, uma relação dialógica. Com a Prof.ª Ana, em sala, foi apresentada à turma a Oficina de Letramento no Ensino Superior. Comecei a participar e digo que, de forma terapêutica, com auxílio do grupo nas reuniões, consegui contar minha história de superação e perseverança para alcançar a graduação e sobre os desafios, superando meus limites. Para mim, depois da oficina,

foi possível absorver melhor o conteúdo dos textos acadêmicos e ter mais segurança e habilidade na hora de me expressar.

Me programo para ler todos os dias algo de que gosto, nem que seja apenas alguns minutos antes de dormir, e isso se tornou um momento de relaxamento em minha rotina acadêmica, permitindo explorar novas ideias. Tive a oportunidade de me colocar melhor no mundo, o privilégio de não saber tudo virou a chave, me fazendo entender que eu posso ser capaz de realizar sonhos.

Para mim, Daniele Santana Carmo Cardoso da Silva Serra, tornou-se importante fazer graduação de Fonoaudiologia, pois a profissão esteve presente em várias etapas da minha vida, marcando assim minha história.



Gabriel Messias Oliveira

"CIENTISTA!" O primeiro esboço do que seria a minha escolha profissional esteve vinculado a essa palavra que, para um garoto de 10 anos, significava a possibilidade de tornar-se capaz de satisfazer o seu desejo de descobrir tudo o que conseguisse sobre o mundo que o cercava.

Essa palavra veio em resposta à pergunta mais comum na infância de qualquer um: "O que você quer ser quando crescer?". Bom, eu queria ser cientista para desvendar os mistérios que se ocultavam diante dos meus olhos, pois a curiosidade me movia, trazendo um ímpeto de perguntar, investigar e buscar respostas. Das mais simples às mais complexas, as perguntas despontavam em minha cabeça.

Quando fui à escola pela primeira vez, achei que finalmente conseguiria encontrar acolhimento e destino às minhas perguntas. Afinal, lá seria o lugar para aprender. Porém, na primeira questão direcionada à professora, em que perguntei como a água da chuva voltava para o céu, fui solicitado que parasse de bancar o "sabidinho curioso" e focasse no conteúdo da aula, que era fazer bolinhas de papel crepom para preencher o desenho da letra "A" impressa na folha sulfite a minha frente.

Naquele momento tive uma nova sensação, como se fosse um nó na garganta, um desconforto. Minha voz não saiu e me restou engolir minhas perguntas

para acatar as ordens da professora e continuar a atividade sem atrapalhar a aula. Fiquei muito frustrado e desejei nunca mais sentir aquilo. Mal sabia eu que aquela sensação me acompanharia por anos dali para a frente. Assim, toda vez que eu pensava em fazer uma pergunta na aula ou falar algo na frente da classe ou conversar com a professora, eu sentia aquele nó na garganta que não me deixava falar.

Antes de prosseguir minha história e (re)elaborar o porquê de ter escolhido fazer uma faculdade, me permita apresentar-me a você, caro leitor, cara leitora. Sou o Gabriel, estudante do curso de Fonoaudiologia da Universidade Tuiuti do Paraná. Nasci em Curitiba (PR), mas morei em Camboriú (SC) dos 3 aos 15 anos de idade e retornei a Curitiba no ano de 2014. Sou filho do Miguel e da Lídia, um casal muito simpático e amoroso, que ama receber pessoas em casa para compartilhar histórias e lições de vida. Eles me ensinaram que família é o primeiro lugar onde nossa voz deve ser ouvida, acolhida.

Meu pai já fez de tudo nessa vida, sempre buscando o sustento da família, mas sua profissão mais exercida foi de eletricista e encanador. Ele é um homem muito sábio e me ensinou que buscar conhecimento é a coisa mais sábia que eu poderia fazer. Minha mãe sempre foi dona de casa, mas fazia suas vendas para complementar a renda familiar. Além disso, ela é uma mulher muito talentosa, aprendeu a tocar acordeão, guitarra e a cantar sozinha, o que inspirou a mim e meus irmãos ao longo dos anos, fazendo-nos escolher nossas profissões.

Aliás, eu tenho um irmão gêmeo, o Michel. Ele é guitarrista e professor de música. Além dele, tenho uma irmã mais velha, a Lidyane, que é cantora. Como um acorde formado por três notas distintas que harmonizam quando tocadas simultaneamente, eles me ensinaram que nossas diferenças não eram para nos separar, mas para nos completar, bem como, a nossa jornada, se assim quiséssemos.

Já que estou escrevendo sobre família, quero compartilhar com você como ela me ajudou no processo de encontro profissional. Desde pequeno, meu pai falava sobre como era importante buscar conhecimento ao invés de riquezas. Ele me dizia que a maior riqueza de um homem é aquela que a traça ou a ferrugem não consomem, ou seja, aquilo que está em nosso coração.

Aliás, foi meu pai quem me inspirou a gostar de ler, o que me ajudou em direção à minha

escolha profissional e me mantém no caminho que escolhi até hoje. Pois, apesar não ter completado o Ensino Fundamental, ele mostrou, através da sua dedicação à leitura, que através dos livros eu poderia conhecer sobre o mundo para responder algumas das minhas perguntas. Então, eu me refugiava nos livros e enciclopédias da biblioteca dele. Dentre a vasta literatura em sua estante, havia um livro em especial ao qual eu dedicava horas do meu dia. Era o Dicionário Brasileiro Globo, um dicionário com enciclopédia enorme que continha sessões sobre diversos temas. Eu amava ler a parte de anatomia humana. Ficava fascinado olhando as estruturas da cabeça, minuciosamente unidas, como que feitas à mão. Imaginava como é perfeito o fato de cada parte, por menor que seja, contribuir para o funcionamento de todo o corpo. Depois de estudá-las, eu explicava tudo para o meu pai, que me elogiava e incentivava a manter minha curiosidade e seguir em busca de respostas. Nesses momentos, o nó na garganta nem dava sinal. Eu me sentia aliviado, pois minha voz podia ser ouvida e eu ficava à vontade para fazer minhas perguntas novamente.

Mas voltando à pergunta que deu origem a minha escolha em fazer uma faculdade: "O que você quer ser quando crescer", resgato algumas lembranças. Eu tinha 10 anos, estava na igreja, em um culto infantil, quando o pastor falava sobre profissões e dirigiu a pergunta a mim. Antes que o nó na garganta viesse, respondi à pergunta com voz alta e firme, pois não queria, mais uma vez, que minha voz "falhasse". Grande parte dos fiéis riram, acredito que estavam impressionados com a resposta, pois é incomum, em muitas igrejas, a ciência ser uma opção profissional. Pronto, lá estava o nó na garganta, fazendo-me me arrepender de ter falado. Porém, ao mesmo tempo, fiquei feliz em saber que minha resposta não era igual às demais entre as crianças, tais como: jogador de futebol, empresário, policial, bombeiro e outras. Além disso, ela foi dada na hora e no lugar certo e você, caro leitor, vai entender por quê.

Ao final da reunião, para minha surpresa, uma mulher que visitava o nosso culto veio conversar comigo e com minha mãe. Eu não lembro exatamente o que ela disse, nem seu nome, mas minha mãe conta que ela era uma cientista na área da neurociência e se chamava Dra. Izabel. Disse-nos que estava maravilhada, pois nunca tinha conhecido uma criança com o desejo de ser cientista. Disse, também, que gostou da maneira convicta que eu respondi à pergunta (mal sabia ela que era minha tentativa de vencer o nó na garganta) e estava decidida a me mostrar como era a

rotina de um cientista e quais seriam os primeiros passos para me tornar um. Deixou um cartão e pediu para que a contatássemos no dia seguinte. Nem dormi naquela noite, pois fiquei empolgado com o fato de alguém querer me ajudar, estava ansioso para descobrir o que um cientista fazia.

No dia seguinte combinamos que eu a acompanharia semanalmente. Meu pai me levava para as "sessões de ciência" e, entre idas e vindas, lembro dele me levando à biblioteca pública para emprestar livros sobre assuntos de que eu gostava. Eu não recordo com clareza dos encontros com a Dra. Izabel, mas lembro que ela me ensinava como pesquisar na internet e em livros. Além disso, fazíamos atividades para desenvolver a memória e o pensamento crítico. Esses encontros duraram cerca de um ano. Apesar de não lembrar claramente dessa época, sei que foi um momento de muito aprendizado, pois aqueles ensinamentos fazem parte da minha vida, minha história. A Dra. Izabel tornou-se uma daquelas pessoas que a gente não sabe como entram e saem da nossa vida, só sabemos que fazem a diferença em nossa história.

Pouco tempo depois, ganhei um microscópio de uma pessoa que presenciou o culto em que eu respondera à pergunta. Eu colocava tudo que podia para observar naquele microscópio. Desejava ver com detalhes as pequenas estruturas que formam o mundo que conhecemos. Naquela época, era comum passar na TV programas infantis que ensinavam a fazer experiências utilizando materiais simples que tínhamos em casa. Eu assistia a todos e sempre tentava reproduzir os experimentos mostrados. Minha mãe não gostava muito da bagunça que aquele pequeno cientista fazia, então, decidi que precisava de um lugar para realizar minhas pesquisas sem causar transtornos em casa.

Determinado a ter um laboratório em casa, fui em busca de um lugar para acomodar minhas experiências. Escolhi um carrinho de pipocas velho que estava abandonado em nossa garagem (uma tentativa de empreendimento dos meus pais que não deu muito certo, mas isso é outra história). Com a ajuda da minha mãe, o limpei e fomos comprar materiais em uma lojinha de R\$ 1,99, tubos de ensaio, pinças, uma lupa, mais lâminas para o microscópio e, finalmente, meu laboratório estava pronto!

Aquele cantinho da garagem passou a ser meu lugar favorito, me lembro de chegar da escola e correr para meu laboratório. Lembro também das noites de verão que eu ficava até mais tarde fazendo as experiências que via na TV e lendo meus livros e o atlas de anatomia. Só entrava

em casa quando os pernilongos começavam a atacar, risos.

Aproveitei muito o meu laboratório, até o dia que precisamos vender o carrinho de pipocas porque meu pai estava com poucos serviços e a situação financeira estava problemática. Fiquei triste, mas meus pais sabiamente explicaram que um cientista sempre trabalha para um bem maior, mesmo que isso lhe custe algumas coisas. Eu compreendi a necessidade da família e desapeguei do laboratório mais legal que uma criança poderia ter em casa.

Com 12 anos de idade, ainda um pouco frustrado pela perda do laboratório, me distanciei da ciência e comecei a me interessar pela música, pois abriram-se vagas para aulas em minha igreja e minha mãe queria que eu e meu irmão nos matriculássemos.

Eu logo me interessei pelos instrumentos de sopro e meu irmão pelos de corda. Estava animado para começar, porém, ao chegar na aula, eu não contava com a exigência do professor/maestro que, em um tom de voz bem elevado, exigia perfeição e agilidade dos aprendizes. Por isso, adivinhem quem apareceu de novo? Isso mesmo! O nó na garganta. Minha garganta apertava tanto que eu não conseguia nem falar os nomes das notas nas provas de solfejo. Minha voz trêmula e apertada parecia querer voltar para dentro. Isso me fez pensar que música não era para mim, me fazendo deixar as aulas.

Mas, não abandonei a música por completo e quis continuar aprendendo a teoria em casa, sozinho. Eu achava incrível saber ler aquelas figuras na pauta que juntas se transformavam em música, do mesmo modo que as letras se transformavam em palavras nos livros que eu lia. Quase esquecendo o desejo de ser cientista, eu fiquei um bom tempo estudando música. Entre uma partitura e outra, eu cantarolava as músicas que meu irmão estava aprendendo no violão, só para ajudá-lo a não perder o compasso. Ao nos ouvir, minha mãe dizia que eu cantava bem e que daríamos uma ótima dupla. Eu, porém, achava que ela só estava sendo uma mãe coruja, orgulhosa de ver os filhos fazendo algo juntos.

O tempo passou e, por causa das frustrações com a música, da perda do meu laboratório, somadas às questões financeiras da minha família, achei que deveria escolher ser/fazer algo mais prático, que desse um retorno financeiro melhor. Na época de ingressar no Ensino Médio, quando eu tinha entre 13 e 14 anos, abriu o vestibular do Instituto Federal da cidade. Nele havia vagas para

fazê-lo integrado com um curso técnico. Dentre as ofertas disponíveis, eu escolhi o curso técnico em informática, acreditando que ele se encaixava nos requisitos práticos e financeiros que eu estabeleci. Então, me esquecendo dos ensinamentos do meu pai sobre buscar conhecimento ao invés de lucros, fiz o vestibular e passei.

Porém, a música ainda falava mais alto dentro de mim e, nessa época, comecei a me interessar por conjuntos *a capella* – grupos que cantam sem instrumentos e usam somente a voz para fazer arranjos musicais. Eu estava fascinado com a capacidade daqueles grupos em fazer diversos tipos de sons, apenas usando a voz e a beleza que conseguiam ao juntá-las.

Já os estudos em informática... estavam péssimos! Eu não levava jeito para lidar com máquinas, muito menos para entender como programá-las. A cada aula de algoritmos era um nó na garganta maior que o outro. Parecia que eu nunca mais seria capaz de falar depois daquelas aulas. A única coisa que eu gostava era dos laboratórios de química, física e biologia, pois me lembravam do meu pequeno laboratório no carrinho de pipocas da garagem de casa.

Certo dia, em uma das aulas, eu estava cantarolando uma música quando um colega de turma disse que minha voz "era boa pra cantar". Ninguém, além dos meus familiares, havia ouvido e elogiado minha voz antes. Aquilo me fez pensar que eu realmente poderia cantar, reascendendo meu desejo pela música. Ao chegar em casa falei à minha mãe que queria aprender cantar. Ela, que já fora cantora e regente de corais, pegou uma apostila de técnica vocal (que ela mesma havia elaborado quando jovem) e me disse que, dessa vez, eu teria que me dedicar para não desistir.

Ao abrir aquela apostila, fiquei fascinado com o que encontrei. Logo na primeira página havia desenhos da laringe e das pregas vocais, assim como diafragma, pulmões, cavidade bucal, cabeça e pescoço. Pela primeira vez, eu vi a possibilidade de estudar, ao mesmo tempo, duas coisas que eu amava: música e anatomia. Eu devorei a apostila em poucos dias e logo estava explicando aos meus colegas de classe como a voz é produzida. Nem lembrava do nó na garganta. Fiquei tão empolgado em aprender o funcionamento da voz, que nem estava tão preocupado em aprender cantar de fato.

Ao final daquele ano, em busca de melhores condições de vida, minha família decidiu mudar-se para Curitiba. Como eu estava em uma boa escola, fiquei com a decisão de escolher entre ir com eles ou ficar morando com minha avó e terminar o curso técnico. Como eu não gostava

de informática e minhas notas estavam, pela primeira vez na vida, muito ruins, decidi ir com eles.

Em Curitiba, com 15 anos, ingressei no coral da igreja. No primeiro ensaio percebi que o maestro era muito exigente. Fiquei com medo, pois novamente teria que enfrentar altas exigências para aprender cantar, além do nó na garganta que poderia voltar a qualquer momento. Porém, dessa vez, foi diferente. Ele não apareceu e me senti capaz de encarar o que fosse preciso para seguir com minha escolha. Cada vez mais apaixonado por voz, aprendi a cantar e harmonizar com outras vozes. Estava muito feliz e satisfeito, pois minha voz, que outrora não aparecia nem sozinha, agora encontrava harmonia entre diversas vozes. Senti como se tivesse encontrado um lugar para minha voz, em meio à ressonância de vozes que é este mundo. Decidi que cantar era o que eu queria fazer da vida.

O tempo passou e certo dia, agora com 20 anos de idade, senti minha voz diferente enquanto cantava. Percebi que ela ficava cansada facilmente e não estava mais conseguindo atingir as notas agudas. Logo fiquei preocupado, pois não estava mais conseguindo fazer o que amava com conforto e qualidade. Fui em busca de ajuda profissional e fiz um exame que o médico observou minhas pregas vocais. Ao sair o resultado do exame, o doutor me disse que eu estava com uma fenda glótica e me orientou a procurar um fonoaudiólogo.

Eu já tinha ouvido falar em Fonoaudiologia, mas, para mim, se tratava de "consertar vozes feias" e cuidar da fala de crianças. Engano meu, pois a Fonoaudiologia vai muito além disso. Em minha primeira consulta, Simone, a fonoaudióloga, disse que poderia me ajudar a recuperar minha voz e que ela seria ainda mais bonita do que antes. Fiquei esperançoso, pois o fato de não estar conseguindo cantar estava mexendo muito comigo.

Eu havia parado de cantar para cuidar da minha voz e, por isso, estava me sentindo incompleto, como se tivesse perdido uma (grande) parte de mim. Deixar de cantar foi como deixar de ser eu mesmo. Eu nunca tinha parado para pensar no valor que minha voz tinha, até o momento que precisei silenciá-la. Então, ao silenciar a minha voz que saia para o mundo, fui capaz de ouvir uma voz que eu nunca tinha ouvido, a voz do silêncio que trazia minha voz interior à tona.

Nas sessões de fonoterapia, fui me reconectando com a minha voz. Nesse processo, entendi que ela não precisava apenas ser bonita para impressionar uma audiência, mas estar saudável para

representar tudo o que eu carrego, revelando a minha história. Entendi que voz não é apenas um som que sai de nossa boca, mas um modo de se colocar no mundo que, ao encontrar um espaço, preenche o ambiente com aquilo que somos. Entendi que voz são vibrações que surgem dentro de nós antes de alcançar o mundo externo. Primeiro ela precisa preencher o nosso interior, para ser escutada e reconhecida por nós, para depois ecoar nossa essência mundo afora. Ela é o som da nossa alma, que faz vibrar nosso corpo e nosso espírito, expressando o que carregamos em forma de som.

A cada sessão eu ficava mais encantado com o trabalho da Fonoaudiologia. Foi nutrindo o anseio de ajudar outras pessoas a se reconectarem com suas vozes, tal como estava acontecendo comigo, que comecei a pesquisar sobre o curso. Em uma das sessões, comentando com Simone sobre meu embrionário desejo de fazer faculdade de Fonoaudiologia, ela me disse que eu tinha "cara de fonoaudiólogo". Confesso que até hoje eu não sei o que é ter cara de fonoaudiólogo, mas eu entendi o que ela queria dizer. Aquela afirmação me encorajou a fazer minha escolha. Na verdade, essa afirmação era exatamente o que eu precisava para trazer à tona a escolha que eu já fizera. Estava decidido a começar a faculdade de Fonoaudiologia e, assim, usei a minha voz de forma consciente, reconhecendo todo o valor material e simbólico que ela tem e afirmei: EU QUERO SER FONOAUDIÓLOGO!

Sem nó na garganta, sem receios do que eu encontraria pelo caminho, sem a preocupação de quanto eu poderia ganhar, buscando somente conhecimento e acompanhado das minhas velhas amigas, as perguntas, em meados de 2020, aos 21 anos de idade, em plena pandemia de COVID-19, ingressei no curso de Fonoaudiologia da Universidade Tuiuti do Paraná.

O desejo de ajudar os outros e dar voz às pessoas foi a força motriz para minha escolha que culminou com a Fonoaudiologia. Do nó na garganta no primeiro dia de aula na infância ao coral da igreja, onde minha voz ecoa junto com tantas outras. Do pequeno laboratório no carrinho de pipocas da minha mãe ao atual laboratório de voz da clínica-escola da Universidade Tuiuti, no qual desenvolvo pesquisas. Da resposta à pergunta do pastor, até a decisão de ser fonoaudiólogo. Em todos esses momentos, trilhei um caminho de (re)conhecimento acerca do poder da voz em demarcar o nosso lugar nesse mundo. Em minha trajetória, minha voz teve papel fundamental em dar existência as minhas escolhas. Voz é isso, o meio pelo qual as coisas passam a existir. Ela é

capaz de trazer à luz ideias, sonhos, planos e projetos que outrora se encontravam na escuridão da inconsciência. Ela é capaz de trazer som às câmaras silenciosas do nosso coração, cheias de medos e nós na garganta. Ela é a melodia que dá significado sonoro a nossa própria existência.

Dessa forma, paulatinamente, vou me tornando alguém que verdadeiramente ocupa um lugar único e sonoro. Alguém que está desvendando e desenvolvendo a missão de dar voz ao mundo interior que existe em mim e nas pessoas ao meu redor. A Fonoaudiologia, além de devolver minha voz, me reconectou com minha própria história e me deu um lugar onde ela pode ser expressa de forma plena, ecoando o cientista-cantor-fonoaudiólogo que foi (e está sendo) construído em mim.



Isabela Jordão

Dedico este relato a minha família, ao meu querido marido Jun Kanazawa, a Débora Dable, a Priscila Festa, que são minhas inspirações e exemplos de profissionalismo. A todos os profissionais, fonoaudiólogos e otorrinos que ajudaram a mim e a minha família, ao grupo de letramento da Universidade Tuiuti do Paraná pelo suporte e troca de ideias na escrita deste relato e a Deus, por iluminar meus passos, principalmente, nos momentos mais desafiadores de minha vida. A experiência com essa escrita é a mais interessante de todas, pois fiz uma grande jornada para dentro de mim, onde me reconheço, me aceito e ensino a você e a mim. Assim, inteira, livre e verdadeira, abro o meu coração sem medo, a você, caro leitor, e a mim mesma. Boa leitura!

Eu me sinto muito bem expressando-me de diversas maneiras!

Advogada, bailarina, astronauta, médica, cantora, professora, superheroína, não interessa o quão louca a nossa escolha possa parecer, ao ouvir a famosa pergunta dos adultos: "o que você quer ser quando crescer?" temos o costume de fantasiar sobre o que queremos fazer no futuro. Apesar de eu pensar sobre o assunto quando criança, eu não tinha uma resposta certa, entretanto, olha que ironia: atualmente eu posso dizer que me considero uma super-heroína! Não como a Mulher Maravilha, que é praticamente uma deusa sem imperfeições, mas eu tenho os meus próprios superpoderes: sou Surda oralizada que transita muito bem na Cultura Surda e na cultura ouvinte, por meio de três línguas: português, inglês e Libras! Ficou curioso, caro leitor? Então senta que lá vem história!

Ao longo deste relato, contarei com detalhes o que me levou a trabalhar na minha atual profissão: professora universitária. Posso dizer que a profissão de professora que me encontrou, pois, quando era mais nova e inexperiente sempre tive pavor da ideia de dar aulas. Mas, antes disso, acho importante que vocês conheçam a minha história, pois as minhas origens e vivências foram essenciais para que eu chegasse aonde estou agora.

Meu nome é Isabela Jordão de Camargo e fui premiada no dia 23 de maio de 1992! Isso, mesmo! Já faz trinta e um anos, mas o prêmio é vitalício! Acho que sentia isso já na barriga de minha mãe, pois, ansiosa como sou, tive pressa para nascer! Dei oi pro mundão aos oito meses de gestação! E fui premiada com pais extraordinários! Como sou sortuda!!! Do meu pai, engenheiro químico, herdei o seu gosto pelos estudos e pela leitura, e o amor pelas coisas simples da vida, como um café da manhã delicioso, com cueca virada e pastel. Da minha mãe, herdei uma dose de impaciência e ansiedade, mas também, um coração de ouro, sempre disposta a ajudar. Com meu irmão, tivemos momentos legais juntos! Sou a filha mais velha e sempre morei com meus pais e meu irmão em Curitiba. Minha família planejava a minha chegada e sonhava com o tão sonhado primeiro filho(a) depois de muitos anos de casados. Quando meus pais descobriram a gravidez, ficaram superfelizes e ansiosos. Entretanto, no oitavo mês de gestação, mamãe estava com um desconforto estranho, foi ao médico verificar, pois estava preocupada com o bebê e o médico lhe disse que não se preocupasse, pois era normal sentir desconfortos nesse período gestacional. Minha mãe o ouviu e voltou para casa tranquila.

No dia seguinte, mamãe estava com familiares na casa da minha avó materna e novamente sentiu um desconforto estranho. Ela foi para o hospital com minha tia e, ao realizar os exames, descobriram que ela já estava com seis centímetros de dilatação! O bebê estava para nascer!

Nasci de parto normal, sem chorar, pois, havia engolido o líquido amniótico e, por causa disso, tive que ficar na incubadora por várias horas. Fizeram exames, descobriram que eu estava

com uma infecção pulmonar e que precisaria urgentemente ser internada numa UTI. Infelizmente, naquela época, a maternidade não tinha UTI neonatal, então, tivemos que esperar uma ambulância que me levasse a outro hospital, o que só foi possível à noite. Fiquei dez dias na UTI neonatal e o pediatra avisou a minha família que, devido a esse problema, talvez eu pudesse ter a visão, a cognição ou a audição comprometida.

Após esse susto, já mais saudável, pude voltar para casa. Eu era uma bebê gorda, esperta e sorridente. Quando comecei a falar, meus pais perceberam que era um pouco difícil de entender o que eu estava dizendo, mas acreditavam que talvez fosse da idade. Além disso, minha mãe percebia que às vezes eu respondia quando era chamada e às vezes não. Ela me conta que, quando eu tinha em torno de três anos, eu tinha um bichinho de pelúcia que tocava musiquinha e que eu o apertei para tocar. Quando o encostei no meu ouvido esquerdo avisei a minha mãe que eu não estava ouvindo a música. "Como não está ouvindo, filha? A música está tocando!" Ela achou muito estranho.

Comecei a ir para o maternal na mesma época e foi, nesse momento, que nossas vidas mudariam para sempre. A escola entrou em contato com minha família se queixando de que eu me distraía facilmente durante as aulas.

A partir disso, minha família me levou ao otorrino, fiz a audiometria e o diagnóstico foi o seguinte: perda auditiva neurossensorial moderada no ouvido direito e severa no ouvido esquerdo, ou seja, escuto muito melhor com o ouvido direito, já que com o ouvido esquerdo percebo que há som, mas não consigo identificá-lo. Isso explicava o porquê de às vezes eu estar "desligada" na escola, pois, dependendo do lado que a pessoa estava falando comigo, eu escutava e compreendia, caso contrário, elas passavam despercebidas para mim.

Minha família recorda que quando receberam o diagnóstico, infelizmente, o médico foi muito insensível e disse que eu nunca ouviria sequer a turbina de um avião. Meus pais saíram de lá arrasados! Uma fonoaudióloga que trabalhava com o tal médico revisou a minha audiometria, chamou imediatamente meus pais para desfazer o equívoco e dar orientações do que deveria ser feito.

Com a descoberta da surdez, passei a usar aparelhos auditivos e vieram as terapias fonoaudiológicas, as quais frequentei por muitos anos. A fonoaudióloga Lorena Kozlowski informou a minha família que eu precisava de grandes estímulos com a leitura e a escrita, pois em três anos de

minha vida eu havia perdido muitas informações devido à demora da descoberta da surdez. Sendo assim, após essa orientação, sempre fui muito incentivada a ler e escrever. Pode-se dizer que tal incentivo foi muito importante, pois desenvolveu em mim uma relação prazerosa com a leitura e com a escrita, visto que, para mim, era uma diversão. Leio e muito. Acredito que, para quem não ouve, a leitura é essencial, pois ajuda a adquirir vocabulário de uma língua oral auditiva e, principalmente, a nos manter informados. Sou muito agradecida à Lorena pelo incentivo e todo trabalho realizado comigo, o qual fez diferença na minha vida, tanto que estou escrevendo esse relato com muita alegria, pois eu amo escrever e tenho orgulho da minha história.

Fiz fonoterapia continuamente até os 13 anos de idade. Confesso que eu não gostava muito, achava os exercícios muito repetitivos e cansativos. Minha mãe passou a ficar um tempo comigo, me incentivando a fazer os exercícios, pois eu não gostava de fazê-los sozinha. Passei muitos anos no CEAL – Centro de Audição e Linguagem e "finalizei" a terapia no CRESA – Centro de Reabilitação Sydnei Antônio, em Curitiba, em meados de 2005.

Passei a vida escolar inteira sentada na primeira carteira, virando o ouvido direito em direção aos professores e, até hoje, faço isso. Aprendi a conversar com as pessoas sempre olhando para os seus lábios e, além disso, criei o hábito de andar sempre ao lado esquerdo das pessoas, para que meu ouvido direito esteja direcionado para elas, a fim de compreender o que está sendo dito. Na escola tive dificuldades em compreender e diferenciar sons de letras parecidas na pronúncia como D, B, P, V, F, S, M, N, Z e G. Tive que aprender sozinha a criar estratégias, pois, infelizmente, nas escolas em que estudei, muitos professores não tinham ideia de como lidar com uma aluna surda oralizada em uma sala de ouvintes. A minha deficiência não era vista como tal, então, acabavam esquecendo que eu precisava de algumas adaptações visuais. Uma atividade que eu odiava fazer no primário era o tal do ditado. Que atividade mais sem pé nem cabeça, tudo fora de contexto, só para praticar caligrafia! Se para os alunos ouvintes essa atividade já era o uó, imagina para mim que sou surda!

Passada a fase da primeira infância, no ensino fundamental eu tinha muitas dificuldades em me relacionar com os colegas, em parte devido a minha timidez e, em parte devido a minha perda auditiva, pois não conseguia compreender o que as crianças estavam conversando enquanto brincavam. Era muito barulho e estímulos ao mesmo tempo para eu acompanhar. Mesmo já sabendo

fazer leitura labial, sempre perdia informações nessas ocasiões, além disso, eu tinha vergonha da minha surdez. Eu não avisava às pessoas sobre a perda, pois eu não aceitava a minha perda auditiva, eu não admitia ter uma limitação. Porém, por causa do meu conforto de ficar no "armário da surdez" fui taxada, várias vezes, de arrogante e rude, pois não respondia quando chamada. Porém, não demorava muito, acabavam descobrindo convivendo comigo depois de algum tempo. Hoje em dia, cuido mais da imagem que eu quero passar para as pessoas, mas naquela época sequer sabia que as pessoas achavam que eu era metida, arrogante, orgulhosa ou esnobe.

Quando chegou a época do vestibular, foi um sufoco! Muitos simulados, tarefas e a pressão de passar nos exames. Sabia que eu não queria fazer nenhum curso relacionado às Ciências Exatas, porém eu estava muito em dúvida do que eu queria fazer para o resto de minha vida. Fui a uma feira de profissões e descobri o curso de Letras. Me falaram que poderia trabalhar com tradução, editoração, escrita, achei a ideia sensacional, pois era muito boa com línguas e queria trabalhar exclusivamente com a língua inglesa, eu adorava! Eu prestei vestibular para Letras e Nutrição, como uma segunda opção, caso eu não passasse em Letras, mas para a minha surpresa e felicidade, passei em ambos os cursos. Minha família ficou muito feliz na época! Lembro de minha mãe dizendo orgulhosa que teria uma nutricionista na família. Meu pai me incentivou muito para escolher qualquer um dos dois cursos. Eu escolhi cursar Letras: Português/Inglês. Minha mãe achava que eu não tinha perfil para o curso, pois ela não me via como professora. Acredito que devido a minha perda auditiva, ela tinha receio de que eu "sofresse" muito em sala de aula como professora para entender o que os alunos diziam, mas eu lhe dizia que eu queria trabalhar com editoração e tradução, não com sala de aula. Irônico, não?

A faculdade foi a melhor época da minha vida, pela primeira vez fui eu mesma! Consegui me soltar, deixei a vergonha de lado! Acredito que isso aconteceu devido à maturidade e ao fato de que todos os estudantes eram adultos e o foco não era mais tentar pertencer a algum grupo, mas sim estudar, se formar e trabalhar. Nesse momento, eu parei de me importar em querer pertencer e passei a ser. Além disso, encontrei colegas e professores que tinham os mesmos gostos, até na vestimenta éramos parecidos! Éramos uma turma muito unida. Nessa época eu voltei a fazer fonoterapia para melhorar a questão da voz anasalada, pois eu não me sentia bem falando daquela maneira e acreditava

que minha dicção poderia atrapalhar o entendimento das pessoas sobre o que eu dizia. Até hoje faço exercícios de fonoterapia, sozinha em casa, principalmente, antes do trabalho, para deixar a voz mais clara e não ocasionar o desentendimento das pessoas sobre o que eu estou dizendo. Eu me sinto melhor fazendo os exercícios, sinto que a fala sai mais fluída.

Recordo-me de outro fato que me marcou na faculdade devido a minha surdez. Uma professora me chamou para conversar e disse: "Isa, você é tão linda, mas é tão metida!" Oi!?! Fiquei paralisada, sem reação! Na hora eu nem pensei em perguntar o porquê disso, tinha dezoito anos, ainda tinha muita dificuldade em me defender. Uma amiga que estava comigo ficou tão confusa quanto eu. Quando cheguei em casa, parei para pensar no comentário dela e acredito que talvez ela tenha me chamado e eu não tenha respondido. Percebo hoje como eu era tola por não avisar às pessoas na época que tinha a perda auditiva, podia ter evitado tantos constrangimentos, tudo isso, devido à vergonha da minha surdez! Isso mostra que só temos a perder quando não nos assumimos como somos, pois as pessoas não irão adivinhar o que se passa conosco e muitas acabam tendo uma impressão muito equivocada a nosso respeito por culpa exclusivamente nossa!

Em 2010, durante o curso de Letras, tive a disciplina de Libras – Língua Brasileira de Sinais, com a incrível professora Débora Dable, hoje minha colega de trabalho e amiga. Suas aulas me fizeram lembrar de minha infância, toda a minha trajetória na época em que fazia fonoterapia, pois nessas idas à terapia eu via pessoas surdas se comunicando em Libras. Recordo-me de que, quando tinha em torno de 12 anos, ao ver os surdos se comunicando em Libras, pensei: "Um dia vou aprender Libras." Entretanto, foi apenas na faculdade que tive contato, me identifiquei com essa língua e resolvi aprendê-la. O mais interessante disso é que eu usei um pouco de Libras quando eu era muito pequena, com a fonoaudióloga Lorena, usando o método da Comunicação Total, que se utilizava de sinais e fala ao mesmo tempo. Entretanto, a fono viu que eu não necessitava da Libras para me comunicar e aos poucos eu fui deixando de usá-la. Acredito que ficou no meu subconsciente o gosto pela Libras.

Durante a faculdade tive a oportunidade de fazer estágio em docência com turmas do Ensino Fundamental e Médio. Dei algumas aulas de português e inglês. Recordo-me ter ministrado essas aulas com bastante ansiedade e insegurança, pois era a primeira vez atuando como professora. Minhas

angústias eram sobre: "Será que eu realmente sei o assunto para ensinar?"; "Será que conseguirei entender o que os alunos estão me perguntando?"; "Será que entenderão o que eu disser?" Tinha muita insegurança com relação a minha dicção e a minha audição. Eu dei a primeira aula e foi um sucesso! A professora do estágio disse que eu fui muito bem e que adorou meu jeito jovem de dar aula.

Tive um excelente rendimento na faculdade, a mesma professora que me elogiou no estágio foi minha orientadora de TCC e, em uma das orientações, ela perguntou para mim e minha dupla de trabalho quem escreveu um determinado capítulo do documento. Eu disse que fui eu, já esperando receber críticas negativas. Surpreendentemente, a professora disse que estava muito bem escrito e até me perguntou se eu havia copiado de algum lugar. Respondi que não, que na verdade eu parafraseei muita coisa. Pasmem: eu fiz a parte do capítulo sobre o Bakhtin, que falava muito sobre a análise do discurso, um assunto difícil de explicar. Fiquei extremamente orgulhosa de mim mesma! Eu e minha colega de TCC, minha melhor amiga até hoje, passamos com 9,3 na disciplina! Todo o esforço, noites sofridas, de muito estudo, leitura e reescrita valeram a pena!

Me formei em agosto de 2013, não conseguia encontrar emprego nessa época e estava muito angustiada. Na falta do emprego, comecei a fazer um curso de Libras gratuito e adorei! Era um hobby para mim! Neste curso de Libras conheci a professora do curso, Priscila Festa, muito querida, aprendi muito com ela! Ela foi minha inspiração para seguir carreira na área! Eu me lembro que no primeiro dia, quando eu lhe disse que tinha perda auditiva ao me apresentar, sempre que os colegas se apresentavam ou falavam algo durante a aula, ela avisava para que eles falassem olhando para mim, para que eu pudesse ler os lábios. Aquilo foi muito emocionante! Foi a primeira vez na vida que uma professora fez isso comigo! Além disso, ela só falava de frente para a turma, nunca enquanto escrevia algo na lousa, justamente para que eu pudesse ler os lábios. Achei sensacional! Levei isso de inspiração e até hoje nos falamos. Tenho um carinho muito grande por ela e a agradeço imensamente pelos ensinamentos.

Além da querida professora, conheci meu marido neste curso de Libras. Ele foi fazer o curso, pois seu pai era surdo profundo, oralizado e estava perdendo a audição. Jun pensou em aprender Libras para ensinar ao seu pai para que pudessem se comunicar. Entretanto, seu pai não se identificava com a Libras, não quis aprender, pois não achava necessário. Ficamos amigos inicialmente e logo já

estávamos namorando. A gente se diverte muito e sempre que estamos em ambientes muito ruidosos ou escuros, como no cinema, por exemplo, utilizamos a Libras de estratégia para nos entendermos.

O mais incrível de tudo isso é que com as aulas de Libras, conheci vários surdos e aprendi a aceitar a minha surdez! Perdi a vergonha, praticamente saí do "armário da surdez". Eu amo pertencer ao melhor dos dois mundos: ao dos surdos e ao dos ouvintes, pois eu sei o que é ser surda e ao mesmo tempo sei o que é ser ouvinte, mesmo que com perda auditiva. Transito muito bem entre as duas culturas e formas diferentes de comunicação.

Mas, olha que interessante: havia surdos e até professores de Libras que falavam para eu parar de me identificar como D.A. (deficiente auditiva), mas sim como Surda. Na minha cabeça, eu associava a Identidade Surda como uma pessoa que nasceu surda profunda e que tem como primeira língua a Libras, por isso eu me ofendia tanto com essa nomenclatura quando era criança e adolescente, pois não era o meu caso. Eu sou uma surda que ouve e oraliza em português, aprendi Libras por hobby e não por necessidade, isso porque eu sempre estive rodeada de pessoas ouvintes, minha família inteira é ouvinte. Demorou ainda alguns anos para eu começar de verdade a me apresentar como surda. Já havia aceitado a minha surdez, mas ainda me identificava muito mais com a nomenclatura D.A. devido a minha língua materna. Isso que é o mais rico da Comunidade Surda: não existe uma padronização da surdez! Há surdos oralizados, surdos bilíngues, ou seja, que se comunicam em português e em Libras, surdos sinalizados, surdos que usam implantes cocleares, surdos que usam aparelhos auditivos, surdocegos e muitos outros. Aprendemos muito um com o outro, cabe a nós respeitarmos tais diferenças, pois cada história de vida é única e rica. O incrível é que quanto mais eu estudava sobre o tema, mais eu me sentia resolvida internamente sobre a minha surdez.

O mais legal é que a partir do momento que eu comecei a me apresentar como surda, eu me senti mais à vontade. Hoje em dia não tenho vergonha de mostrar que uso aparelhos auditivos e que me comunico em Libras quando estou com outros surdos! Nunca me esquecerei de uma experiência que me emocionou: o aniversário de uma amiga surda numa pizzaria. Só havia surdos na nossa mesa, todos se comunicavam em Libras. Foi a primeira vez na minha vida que eu entendia o que todos estavam conversando, mesmo em ambiente ruidoso e escuro! Eu nunca consegui entender as conversas dos ouvintes que se sentavam na última cadeira em ambientes ruidosos, só

quem se sentava ao meu lado direito. Me senti, pela primeira vez, muito à vontade, pois não estava com medo de entender errado o que me diziam.

É muito desafiador ser surda no mundo dos ouvintes, pois você precisa estar atenta o tempo todo, se você se distrai, perde informação ou entende errado. A situação mais frustrante de um surdo é não conseguir acompanhar as conversas dos ouvintes, pois uma pessoa fala, você acredita que está entendendo a informação e, de repente, outra entra no meio, falando rápido e, por mais que você avise às pessoas sobre a perda auditiva, pouquíssimas se lembrarão de falar sem colocar a mão na frente da boca, de abaixar o volume do rádio do carro, o que é normal no mundo dos ouvintes, acostumados à rapidez, a não depender do visual, apenas da audição, mesmo com barulhos ao fundo. Se eu estou num local muito escuro e barulhento, por exemplo, num barzinho, vivo boiando nos assuntos, pois é simplesmente impossível ouvir com clareza, além de ser muito cansativo. Uma técnica que aprendi nos tempos de baladas, quando as pessoas queriam falar algo diretamente no meu ouvido, era pedir para falar olhando para mim, pois assim eu poderia ler os lábios.

Em 2014, aos vinte e dois anos, tive a oportunidade de fazer intercâmbio no Canadá por três meses, morando nas cidades de Vancouver e Victoria. Foi uma das melhores épocas da minha vida, fiz amizade com pessoas de diversos lugares e tenho contato com elas até o hoje! No Canadá, expliquei às pessoas que tinha a perda auditiva e isso foi a melhor coisa que eu poderia ter feito, pois as pessoas estavam a par de minha situação. Me adaptei rapidamente, percebi que já era fluente em inglês, pois eu conseguia me comunicar com autonomia com os professores e colegas de outros países e eles me entendiam. A experiência de morar no exterior abriu a minha cabeça para culturas diferentes e, principalmente, para comportamentos diferentes. Tal experiência fez com que o mundo se revelasse enorme e as possibilidades maiores ainda.

Ao voltar para o Brasil, consegui o meu primeiro emprego em uma escola tradicional de língua inglesa de Curitiba. Eu trabalhava com aplicações de testes de proficiência de inglês, com questões administrativas de escritório e com divulgação de nossos serviços em feiras de intercâmbio. Posso dizer que aprendi com minha chefe, na época, a me adaptar ao ambiente de trabalho, pois foi nesse ambiente que percebi o quanto a perda de audição me atrapalhava em muitos momentos como, por exemplo, atender ao telefone, compreender o que as pessoas estavam dizendo para mim,

mesmo que pessoalmente. Foi um ambiente muito agradável, era um escritório pequeno, com poucas pessoas trabalhando, então, não havia muito ruído ou barulho, pois, para quem tem perda auditiva, os sons graves sobressaem em relação às vozes das pessoas que estão falando e isso sempre atrapalha o entendimento da fala.

Recordo-me que, quando ia às feiras de intercâmbio a trabalho, as pessoas achavam que eu era estrangeira por causa do meu sotaque de surdo. Me divertia horrores! Havia pessoas que perceberam o meu sotaque e começavam a falar em inglês comigo e eu, que já era fluente em inglês, e não era boba, nem nada, entrei na onda, haha! Outra ocasião que me recordo, é que eu trabalhava em uma sala de testes monitorada em que precisávamos seguir protocolos. Vez ou outra ia um candidato secreto, brasileiro ou estrangeiro, para verificar se estávamos cumprindo as regras da instituição. Quando recebemos o relatório com as observações, no documento dizia que havia uma administradora de teste mulher, com um sotaque não identificado. Na época, eu, minha chefe e um colega de trabalho rachamos de rir, brincamos que eu era chique, com sotaque francês! Hahaha! Outra situação divertida: sempre que eu pego Uber os motoristas perguntam de onde eu sou, por causa do sotaque, acho muito engraçado quando digo que sou de Curitiba e eles ficam mais confusos ainda!

Nessa época eu tinha o desejo de crescer na carreira, então, inicialmente fiz duas pós, uma na área da Libras e outra na área da Educação Especial. Quando me especializei, em 2018, consegui um emprego de professora para ministrar aulas de Libras em uma faculdade privada de Curitiba.

Em 2019, comecei a trabalhar com alunos surdos adultos, dando aulas de inglês na modalidade bilíngue, ou seja, em que a Libras é a língua de base para a aprendizagem da língua inglesa. Eu aprendi, e aprendo muito, ao dar aulas, pois percebo as necessidades de adaptações no ensino de uma língua oral para alunos surdos usuários da Libras que é uma língua visual.

Reparei que em todas as faculdades e escolas que eu trabalhava os alunos deram um retorno positivo e foi aí que percebi que tinha a possibilidade de crescer cada vez mais nessa área. Esse retorno foi muito importante, pois fez crescer a minha fé de que terei um bom futuro e que, apesar das minhas dúvidas, as coisas darão certo.

Em 2020, eu gravei meu primeiro curso de Libras online para a plataforma de idiomas Kultivi. Nunca imaginei, nem nos meus sonhos mais loucos, que conseguiria ter mais de 100 mil alunos matriculados nesse curso em 2022!!! Fiquei surpresa com o grande interesse dos alunos em aprender essa língua.

Foi então que eu resolvi buscar o curso de mestrado com o objetivo de aprofundar meus conhecimentos, aprender a enxergar a pesquisa sob a ótica de uma pesquisadora, não mais amadora, adquirindo pensamento crítico e crescendo como ser humano.

O tema que eu tinha em mente para a minha pesquisa era: A relação do graduando surdo com o letramento acadêmico. Porém, ao entrar no programa de mestrado da Universidade Tuiuti do Paraná e pesquisar vários artigos, dissertações e teses, notei que quando se pesquisa sobre a relação do sujeito surdo com a escrita a problemática é sempre com relação ao biológico. Ou seja, a maioria das pesquisas acredita que a relação desafiadora do aluno surdo com a escrita se deve ao fato de ele ter perda auditiva, mas eu não concordo com isso, pois eu percebo, com os meus próprios alunos de graduação das universidades que eu leciono, que a questão do Letramento Acadêmico se deve ao tipo de gênero ao qual ainda não estão acostumados a lidar e o mesmo ocorre com os surdos.

Além disso, há vários pesquisadores doutores surdos usuários da Libras como língua materna que têm uma relação muito boa com a escrita acadêmica, com vários artigos renomados publicados na área da surdez, linguagem e linguística, como Karin Strobel, Gladis Perlin, Lodenir Karnopp, Marianne Stumpf, Rita Maestri, Rimar Segala, Deonísio Schmitt, Charley Soares e muitos outros. Portanto, para não cair no aspecto biológico como a causa do desafio da escrita acadêmica vivenciada pelos surdos, resolvi mudar o público-alvo de minha pesquisa: A Relação entre a escrita e a leitura por meio de visões de universitários de fonoaudiologia acerca dos gêneros acadêmicos.

Em vários momentos da minha vida, até hoje, confesso, já me peguei pensando como seria ter uma audição perfeita, pois, como já falei anteriormente, é muito cansativo ser surdo no mundo dos ouvintes, ter que ficar se esforçando a todo momento para compreender e ser compreendido. Antes de entrar para a comunidade surda, eu não tinha com quem falar sobre as peripécias de uma pessoa com surdez, não tinha com quem falar sobre aparelhos auditivos, dores e conquistas com aqueles que vivem os mesmos desafios que eu vivo e vivia na infância e adolescência.

Reconheço que passei por dezenas de momentos de tristeza absoluta, negação, medo, insegurança, mas aprendi que somos muito mais capazes do que acreditamos. Até hoje eu duvido de certas coisas a meu respeito, faço terapia para melhorar essa questão.

Eu sonho em inspirar as pessoas a buscar sua luz interior, seja surda ou ouvinte, que têm um sonho, um desejo, que corram atrás deles e deem o seu melhor. Hoje percebo que não preciso percorrer um caminho longo, solitário e tortuoso com minha surdez. Adoro conversar sobre minhas vivências e experiências, até mesmo em aprender com outras pessoas sobre as experiências delas!

Tenho muito orgulho de ter sido capaz de fazer do limão uma limonada deliciosa! Graças ao incentivo de minha família, apoio de amigos e terapia. Espero que você, querido leitor ou leitora, também consiga fazer isso! Saiba que o caminho é longo e haverá momentos desafiadores, mas garanto que tudo valerá a pena!



Karina Portela

Era uma vez assim... Assim eram os enunciados das melhores histórias que já escutei e, também, o meu primeiro contato com a leitura e escrita. Ahhh como era gostoso os momentos em que os meus pais me contavam histórias e como elas mexiam com a minha imaginação e me faziam viajar. Que época boa!

Sou a Karina de Fatima Portela de Oliveira Pereira. É isso mesmo! Bem comprido, né? Parece até nome de princesa! A propósito, isto me deu uma ideia: assim como eram os meus enunciados favoritos de histórias de príncipes e princesas da época da minha infância, começo a contar a minha história.

Era uma vez... Em pequeno distrito da cidade de Guarapuava chamado de Palmeirinha, um pequeno vilarejo onde todos se conheciam, nasceu uma menina muito amada pelos seus pais. Sim! Tive a oportunidade de nascer em uma família maravilhosa.

A minha paixão pela fonoaudiologia surgiu logo na infância, tenho um primo surdo e acompanhei desde cedo a importância do trabalho da fonoaudiologia para a comunicação humana. Como morávamos em um pequeno distrito, lá não existiam muitos recursos e nem profissionais capacitados para atendê-lo, então, precisávamos improvisar a atenção à ele com o que tínhamos. A única escola que existia na região não tinha professores capacitados para atender a demanda dele e optaram por nos colocar na mesma sala. Embora ele fosse mais velho do que

eu 5 anos, foi a forma que a escola pensou para ter alguém "mediando" de "certa forma" uma comunicação como ele.

Comunicação esta que se dava de forma gestual por um código que desenvolvemos pelo convívio do dia a dia, em nossa família, pois não tínhamos o conhecimento da (LIBRAS).

Nesta escola travalhava uma professora muito querida que se interessou em acompanhar o caso dele. Foi então que ela nos acompanhou da 1ª até a 4ª série, pois ninguém mais queria assumir um aluno "especial". A querida professora, chamada de Maria Luiza, era uma pessoa maravilhosa e que, mesmo dentro das suas limitações, fazia o possível para que ele acompanhasse a turma, tanto que, quando entrávamos de férias, ela ia de forma voluntária à nossa casa dar aula para ele e para mim, para que ele não esquecesse as coisas que aprendeu durante o ano. Que professora maravilhosa!!!... A ela tenho muita gratidão por toda dedicação e diferença que vez na vida de toda a nossa família...

Existia, na Cidade próxima de Guarapuava, uma escola para crianças especiais, porém, como era muito longe do nosso distrito, encaminharam o meu primo para fazer um acompanhamento lá, como se fosse um reforço. Nela estudavam crianças com diversos tipos de necessidades especiais. Umas estudavam lá e outras apenas faziam o acompanhamento, como era o caso do meu primo. Na escola existia um trabalho voltado para a criança surda e era uma fonoaudióloga que atendia a demanda. Sempre que a minha tia levava o meu primo na fono, eu ia junto para aprender como ajudá-lo em sala de aula.

Desde o primeiro contato com esta fonoaudióloga, eu fiquei encantada com o trabalho dela. Lógico que era muito diferente do que é hoje: o método era totalmente oral, lembro-me dela com várias figuras de animais e objetos, fazendo-o repetir as palavras. O dia em que ele conseguiu falar a palavra PATO, nossa! Fiquei muito feliz, radiante, sabe, acho que foi naquele momento que decidi o que eu queria ser...

Após a conclusão da quarta série o meu primo não queria mais ir para a escola, pois tudo era diferente: mudamos de escola, tínhamos vários professores, as limitações eram muitas e ninguém o entendia. Ele fazia gestos que queria trabalhar e ganhar dinheiro. Então, ele saiu da escola e foi trabalhar em uma empresa da região onde havia pessoas que, embora não tivessem muito conhecimento, faziam de tudo para entendê-lo e incluí-lo dentre os funcionários. Como pode um

lugar com pessoas que deveriam ser mais "capacitadas" para trabalhar a inclusão não conseguir ter pessoas engajadas para fazer o acolhimento de um aluno e, em contrapartida, uma empresa composta por pessoas sem "preparação" alguma e, até mesmo, com baixa escolaridade, mas com EMPATIA, acolhê-lo e, realmente, incluí-lo?

Neste contexto ele seguiu em seu desenvolvimento profissional e eu continuei com a minha rotina escolar em busca do trajeto que me levaria à FONOAUDIOLOGIA.

O tempo foi passando... As coisas caminhavam bem, todos estavam felizes. Foi quando recebemos um diagnóstico que mudaria a vida de todos da minha família: minha mãe foi diagnosticada com câncer pulmonar e já em estágio avançado.

Nesta época eu tinha 13 anos de idade. Lembro-me do dia em que ela recebeu o diagnóstico. Embora tenham tentado me poupar da notícia, eu a escutei chorando à noite e falando para o meu pai que iria morrer e que a sua maior tristeza era deixar uma filha ainda pequena... Neste momento o meu mundo desabou. Fiquei com medo, chorei, mas eu não tinha a mínima noção do que era perder alguém, pois nunca tinha perdido ninguém, não sabia o que fazer e o que aconteceria daquele momento em diante. A tristeza tomou conta da casa e de toda família.

Como o câncer já estava em estágio avançado, ela precisava fazer quimioterapia e não tinha este tratamento nas cidades vizinhas. Então, a encaminharam para Curitiba onde iniciou o acompanhamento no hospital Erasto Gaertner.

Nesta época, o meu irmão mais velho morava em Curitiba, já era casado e tinha a vida estruturada na Cidade. Como o tratamento da minha mãe seria longo, meu pai e meu irmão acharam prudente que ela viesse morar em Curitiba para que pudesse realizar o seu tratamento. Como o meu irmão trabalhava fora com sua esposa e não poderiam cuidar da minha mãe, decidiram que ela ficaria hospedada na casa da sogra dele e eu, que vim junto para ajudar, ficaria morando na casa dele e, no período em que seu estivesse na escola, ficaria com a minha mãe para auxiliá-la.

E tudo mudou: vim para uma cidade grande, escola nova, professores novos, casa diferente, regras diferentes, longe dos meus amigos, da família e do meu pai, pois ele precisava ficar em nossa cidade para trabalhar e arcar com os gastos que teríamos com o tratamento da minha mãe. Tentamos de tudo para a cura que cada vez ficava mais distante... Foram muitos gastos e todas as reservas se foram.

Assim que eu saia da escola, eu ia a pé para a casa da sogra do meu irmão para ficar com a minha mãe. A escola era longe e levava, em média, 35 minutos andando, mas eu não podia gastar com ônibus, pois, naquele momento, precisávamos eliminar todos os gastos possíveis.

Na escola, tudo era muito diferente da minha pequena escola do interior, que era aconchegante, todos me conheciam e conheciam a minha família; aqui ninguém se conhecia e havia sempre um povo vestido esquisito. Confesso que pouco eu me atentava nas aulas, fazia tudo de qualquer jeito, apenas para tirar nota e não reprovar. Por muitas vezes ficava com vontade de comer alguma coisa da cantina, pois via os meus colegas comendo, mas não dava. Algumas vezes, meu irmão ou meu pai, quando vinha, me davam algumas moedas e eu guardava até juntar o suficiente para comprar um lanche na cantina.

Enfim, foi um momento muito difícil e, também, o meu primeiro contato com área da saúde. Foram 2 anos de luta, correria, internamentos. A cada ida ao Hospital Erasto, eu ficava sem dormir quase uma semana, impressionada com o que eu via lá dentro. Lembro que vi uma pessoa sem olho e dava para ver o osso. Por várias vezes tive pesadelos, insônias e noites de choros enquanto todos adormeciam... Cada vez a minha mãe ficava pior. Lembro-me que, no dia do meu aniversário de 15 anos, minha mãe pediu para o meu irmão comprar um bolo e uns docinhos. Na época, era moda fazer grandes festas e a minha era planeja por ela desde quando eu era pequena: minha mãe era confeiteira e a mais requisitada para todas as festas da região, era ela que fazia os doces, bolos e salgados e, sempre quando confeitava para algum aniversário de 15 anos, me falava: "logo estaremos fazendo os doces da sua festa" e ficávamos sonhando com este dia...

Pois é, este dia chegou e os doces eram amargos de angústia, de dor, de tristeza, não tinham sabor de alegria, sabor da comida da mamãe, sem sabor de sonhos. Lembro que, neste dia, ela me abraçou e me pediu perdão por não poder me dar a festa que tanto sonhávamos... Um buraco abriu no meu peito e fiquei, por anos depois disso, sem querer comemorar aniversários e não gostava de receber abraços e nem parabéns. Sim... futuramente, precisei trabalhar isto em terapia...

Entre idas e vindas de hospitais, a minha mãe ficava cada vez mais fraca até que, no último internamento, lembro-me do meu irmão, desesperado, ligando para o meu pai, que o hospital falou que o caso dela não tinha mais cura, e que eles não poderiam fazer mais nada por ela, e que, mesmo

ela mal, não poderiam mantê-la no hospital. Solicitaram para que a levássemos para morrer em casa, pois precisavam liberar a vaga para alguém que tinha alguma possibilidade de tratamento. É, foram exatamente estas palavras que escutamos... Não estou exagerando...

Neste dia, ficamos sem chão. Ela sentia muita dor, estava com metástase óssea em todo o seu corpo e era preciso ter cuidado para pegar nela, pois poderia fraturar qualquer parte do corpo.

Não tínhamos alguém capacitado para cuidar dela e meu irmão achou que não era prudente levar alguém para morrer na casa da sua sogra. A sogra do meu irmão foi um anjo em nossas vidas, mas entendemos que, naquele momento, não daria mais para ela ficar com a responsabilidade do cuidado da minha mãe, até porque elas tinham criado um vínculo muito grande e ela sofria muito de ver a minha mãe naquele estado, não tinha mais estrutura emocional para realizar o cuidado.

Começamos a procuramos um local capacitado para que ela pudesse receber os cuidados adequados naquele fim de vida, porém, ainda não existam hospices em Curitiba, nem se falava nisso, nos cuidados paliativos imprescindíveis quando a terapia de cura se torna ineficaz.

Foi difícil encontrar um local, mas achamos um hotel que hospedava idosos na região metropolitana de Curitiba. O local se propôs a aceitar o quadro da minha mãe, embora não fosse o tipo de público que eles atendiam. Lá havia enfermeiros e uma musicoterapeuta maravilhosa que, no último dia de vida da minha mãe, me proporcionou um momento único que trago até hoje em minha memória. Uma profissional de uma sensibilidade incrível, percebendo que a minha mãe estava partindo, ela me chamou para participar de sua sessão e, então, perguntou à minha mãe qual era a música que ela gostaria de cantar comigo. A música escolhida por ela intitula-se "Os sonhos de Deus", da cantora gospel Ludmila Ferber. Cito uma parte dela:

"...Se tentaram matar os seus sonhos sufocando o seu coração, se lançaram você numa cova e ferido perdeu a visão, não desista, não pare de crer, os sonhos de Deus jamais vão morrer..."

Deixo. como sugestão. escutar e refletir sobre a sua mensagem....

Neste mesmo dia a minha mãe partiu... Descobri neste dia qual era o sentimento de perder alguém que amamos. Uma dor que não consigo descrever em palavras tomou conta do meu ser.

Com 15 anos aprendi a viver sem parte da pessoa que mantinha a nossa estrutura familiar. Meu irmão e meu pai acharam melhor eu ficar morando em Curitiba com a família do meu irmão, porém foi um momento muito difícil, pois a família do meu irmão não era a minha família, não era a minha casa. Fiquei um ano morando com eles e pedi para o meu pai me levar para casa, eu não queria mais ficar na casa do meu irmão. Entretanto, ao voltar, senti um vazio muito grande: a nossa casa não era mais a mesma, o meu pai tentava se reestruturar, mas estava difícil porque a minha mãe era a nossa estrutura. Meu pai, então, decidiu vir embora para Curitiba: vendeu a sua empresa de transporte escolar, deixamos a nossa casa alugada, deixamos todos os móveis e viemos embora, em busca de uma nova vida, fugindo do vazio e tristeza que nos assombrava. Trouxemos apenas as roupas, alugamos uma casinha bem pequena e simples, afinal, aqui tudo era muito mais caro do que na nossa cidade.

Nesta época, eu tinha terminado o ensino médio daquele jeito. Nunca reprovei, mas confesso que só estudava para passar de ano. Contudo, o meu sonho de ser fonoaudióloga ainda existia, eu não o tinha deixado morrer. Porém, para a nossa surpresa, não tinha o curso de fonoaudiologia em Universidade Pública na cidade de Curitiba e a única Universidade que tinha o curso era a Universidade Tuiuti. O meu pai sempre foi um pai maravilho, sempre me apoiou, e pensava em usar o dinheiro da venda da sua microempresa para investir nos meus estudos.

Quando o meu pai comentou com o meu irmão e a sua esposa que eu queria fazer a graduação de fonoaudiologia, e mencionou o valor do curso, eles rapidamente foram contra, falaram que eu não podia fazer um curso tão caro e que eu precisava ir trabalhar, pois aqui em Curitiba o custo de vida era muito caro e que este dinheiro não era para ser usado assim. Nossa! Nunca chorei tanto, pois este era o meu sonho.

O meu irmão, então, me arrumou um serviço em uma empresa de transporte escolar onde eu era monitora de alunos: eu saia de casa às 4h da manhã e somente retornava por volta de 20h. Eu trabalhei durante seis meses nesta empresa, mas eu não via perspectiva, eu precisava ir atrás do meu sonho.

Com este trabalho eu não conseguiria nem sequer estudar qualquer coisa, então eu e meu pai conversamos com o meu irmão e falamos que eu precisava estudar e não ficar em um trabalho sem perspectivas. Então, ele sugeriu que eu fosse fazer magistério, foi quando iniciei o magistério no Instituto de Educação do Paraná, à noite, e logo comecei a trabalhar em uma escola como estagiária.

Foi um momento de muito crescimento: o meu objetivo era ter uma profissão, trabalhar e pagar a minha faculdade de fonoaudiologia.

E mal sabia eu que os meus sonhos, como naquela música que cantei com a minha mãe, jamais iriam morrer. E, hoje, acredito que Deus nos cuida nos mínimos detalhes: para a minha surpresa, em meu primeiro dia de aula no magistério, me deparei com cartaz enorme de um processo seletivo que a Universidade Tuiuti do Paraná estava oferecendo para bolsistas e, adivinhem só, as bolsas eram para o curso de FONOAUDIOLOGIA...

Sabe, não tenho sentimento ruim pelas travas que impuseram para tentar me impedir de buscar o meu sonho. Na nossa vida nada é por acaso e, se eu estava ali, naquele momento, em frente àquele cartaz, não tinha sido apenas o acaso. Lembro-me que, naquela noite, nem dormi, cheguei em casa e comentei com o meu pai, que ficou muito feliz e, no dia seguinte, fui até a universidade me informar.

A bolsa era a seguinte: a universidade estava buscando pessoas que tivessem interesse em aprender LIBRAS; estavam ofertando um curso e quem tivesse o interesse poderia, além de aprender este curso, ganharia uma bolsa de 80%; para isso, a pessoa teria que estar à disposição da Universidade após a conclusão do curso de LIBRAS para interpretar aulas para alunos surdos. Meu Deus, nem acreditei nesta proposta! O meu sonho iria se realizar e tenho certeza de que esta bolsa tinha sido feita para mim. Meu pai ficou muito feliz, voltamos para a casa radiantes.

Fiz a prova, fui aprovada e realizamos a matrícula antes de contar para o meu irmão. Porém, ao darmos a notícia para ele, recebemos um balde de agua fria: ele se posicionou contra, disse que antes eu precisava concluir o magistério, que não era para o meu pai nem pensar em me apoiar nesta loucura... lembro-me de ter chorado tanto... e, embora o meu pai fosse à favor da minha entrada na Universidade, a decisão do meu irmão sempre era a que tínhamos que obedecer e, com tantos empecilhos que ele nos impôs para que eu iniciasse uma graduação, ficamos com medo e abortamos o sonho.

Passaram-se os dias, as aulas começaram e eu recebi uma ligação da universidade: era do setor de cobrança falando que eu estava em dívida com a universidade. Se lembram de que eu fiz a matrícula no curso? Então, tinha um detalhe: o desconto de 80% só era válido se o pagamento fosse

realizado até dia 5 e já tinha passado quase um mês e, agora, tínhamos uma dívida grande, que era pagar a mensalidade integral. Eu nem sabia que deveria ter cancelado a matrícula.

Ficamos horas conversando, eu e meu pai, pensando na bronca que o meu irmão ia nos dar. Resolvemos ir até a Universidade para conversar. Chegamos lá e fomos recebidos por um moço do financeiro, muito gentil e, detalhe, no meio da conversa ele mencionou que era da minha Cidade. Contamos toda a nossa história para ele e explicamos que não tínhamos condições de pagar. Foi quando ele nos direcionou para falar com uma senhora que, acredito que fosse a chefe do departamento, entendendo a nossa história, fez a seguinte proposta para o meu pai: ela manteria o valor da bolsa, porém ele teria que pagar o semestre, que era o valor da mensalidade sem o desconto. Teríamos que pagar de qualquer forma.

Falaram muito com o meu pai, que ele deveria investir em mim e seguir o que o coração dele queria. Fomos muito bem atendidos, nos sentimos acolhidos e, para a minha surpresa, o meu pai tirou do bolso um macinho de dinheiro com o valor exato para o pagamento do semestre. Foi o dia mais feliz da minha vida. Depois de tudo que passamos, prometi ao meu pai que ele não iria se arrepender. Fomos conversar neste dia com a coordenadora do curso, a Maravilhosa Professora Maria Regina – talvez ela nem se lembre deste dia, mas o levarei para sempre em minha memória – e ela nos apresentou a grade do curso, conversou muito como meu pai, que ficou encantado com toda a atenção que tínhamos recebido.

Decidi que eu não pararia o magistério, continuaria trabalhando e faria a faculdade.

E, assim, foram os meus 4 anos de faculdade: saindo às 5h da manhã de casa e chegando por volta das 23h. Alguns dias eu me sentia muito cansada e, confesso que, não consegui aprender com excelência e me dedicar como eu queria, mas sempre procurava dar o meu melhor eu adorava a graduação, as aulas e cada vez me apaixonava mais por todas as especialidades da fonoaudiologia.

Quando eu estava no quarto ano graduação, eu me casei com o Adriano. Tudo estava bem, as coisas se encaminhando, porém, nesta época o meu pai descobriu um câncer e parecia que tudo começava a desandar novamente.

Enquanto todos se preparavam para apresentar o TCC, a minha atenção estava voltada ao cuidado do meu pai. Lembro-me de que, próximo à minha apresentação final, foi um momento

bem difícil, devido às circunstâncias vivenciadas na nova rotina entre hospitais e internamentos. Mas Deus sempre nos surpreende: tive a oportunidade de ter como Orientadora a Professora Ana Paula Berberiam, uma pessoa incrível e que, entendendo os momentos vivenciados, me acolheu com muito carinho, propiciando que minha banca fosse apresentada somente para os professores, pois eu não tinha condições emocionais para grandes apresentações naquele momento.

E o grande dia chegou. A tão sonhada formatura. Porém, naquela data eu tinha amanhecido com meu pai no hospital e pensei que eu não participaria da colação, pois ele não estava muito bem e eu jamais o deixaria ali, sozinho, hospitalizado. Contudo, quando o médico passou fazendo a sua visita, meu pai solicitou um remédio para controlar a sua dor e pediu sua alta para que pudesse vivenciar comigo este dia tão esperado. Por várias vezes insisti que ele que não tinha a necessidade de irmos, mas ele fez questão. Saímos do hospital às 14h e a formatura iniciava às 16h. Somente passamos em casa para trocamos de roupa e saímos. Chorei tanto neste dia em ver tamanho esforço do meu pai. Eu fui escolhida pela turma para fazer a homenagem aos pais e poder dedicar aquelas belas palavras a ele que, mesmo com dificuldade, estava ali me apoiando: foi maravilho. Ele fez questão de ficar até o fim da festa e até dançou comigo em sua cadeira de rodas, tamanho esforço que somente nós sabíamos, devido à sua condição.

Me formei em 2012 e fui trabalhar com audiologia infantil na COPEC, Clínica de Otorrino Pediatra. E, para prestar um melhor atendimento, iniciei uma pós-graduação em São Paulo na FOB, em Bauru, para onde eu me deslocava uma vez ao mês. Nesta época, meu pai já estava bem mais debilitado e dependente. Como gastávamos muito com medicamentos e suplementos, não tínhamos a possibilidade de ter um cuidador exclusivo para nos auxiliar no cuidado com ele. Então, eu dividia todos os cuidados com meu esposo, a quem tenho extrema gratidão, pois atendia meu pai sempre com muito carinho e dedicação.

Dentro de todo este contexto, neste mesmo ano, recebi o convite de uma grande operadora de saúde para criar o serviço de fonoaudiologia domiciliar para atender a demanda de pacientes com disfagia. Confesso que fiquei com muito medo, pois fugia totalmente do que eu estava me especializando, e confesso que a ideia de montar um serviço, estruturar uma empresa, me assustava, ainda mais sendo recém-formada e com tantas inseguranças. Pensei em não aceitar, mas também

refleti muito sobre esta oportunidade, inclusive junto com o meu pai que, por vezes, me pontuou que existem oportunidades que são para nós e que se fugirmos delas, talvez não saibamos o nosso real potencial. Procurei uma amiga de graduação em quem eu confiava muito, a Shirlei, expus a ela a proposta que recebi e propus a ela que aceitasse ser minha sócia nesta nova jornada. Ela, na época, também atuava com audiologia, inclusive fazíamos a pós-graduação juntas. Depois de pensar muito, demos início à K&S Fonoaudiologia Clínica e Home Care, empresa de gestão de prestação de serviços em fononoaudiologia domiciliar e, a partir daquele momento, começamos a nos capacitar em disfagia, gestão, logística, entre outros assuntos que permeiam o empreendedorismo.

Em um misto de conquistas e lutas, neste mesmo ano, meu pai faleceu, em um momento em que estavávamos somente eu e ele em casa. Mais uma vez, receber a morte e se despedir de alguém tão importante na vida. A partida do meu pai me fez compreender na prática o novo contexto de atendimentos da minha empresa, o quanto os profissionais de saúde precisam olhar para a família e para o paciente. Nesta época, os cuidados paliativos já estavam entrando na minha vida na prática, mas nem se falava muito sobre isso.

Conclui a minha pós-graduação em audiologia em 2014, iniciei o mestrado, em 2016, realizei o processo para o Doutorado, passei, mas descobri que estava grávida do meu filho Samuel e resolvi não ingressar.

No ano de 2016, para atender à demanda de um novo projeto de uma das operadoras a qual prestávamos serviços, comecei a me capacitar e estudar sobre cuidados paliativos. Iniciei uma nova pós-graduação e me encantei ao entender o real fundamento da atuação nesta linha de cuidado, e cá estou em 2023, no terceiro ano de Doutorado, pesquisando sobre a fonoaudiologia, em sua atuação com pacientes em cuidados paliativos. E, até aqui, a fonoaudiologia me trouxe. Uma certa vez escutei um ditado que, se trabalhar com o que gosta, não terá que trabalhar um só dia de sua vida, mas eu ressignifico esta frase, pois penso que, quando trabalhamos com o que gostamos, queremos sempre nos dedicar mais, entender mais e doar o nosso melhor, principalmente quando o outro precisa do seu conhecimento.

Nunca desista dos seus sonhos!



Maria Regina Franke Serratto

Repensando a minha escolha pela Fonoaudiologia, em um primeiro momento vem à memória a leitura de uma coluna do jornal de Porto Alegre, denominado de Correio do Povo, que meu pai assinava, já que a minha família é toda gaúcha. Nesta coluna, aos sábados, havia textos escritos por uma fonoaudióloga abordando questões relativas a sujeitos surdos, relatando suas dificuldades comunicativas, bem como depoimentos de pais e professores acerca da dificuldade que era estabelecer uma comunicação com eles. Como adolescente, esta coluna me chamava muito a atenção, me deixando inclusive ansiosa pelo jornal aos sábados.

Agora, provocada a escrever sobre esta escolha, fiquei pensando o motivo que despertou meu interesse pelo conteúdo desta coluna. Por que a surdez? Ou, por que as dificuldades de as famílias interagirem com seus filhos surdos?

Voltando ao meu passado, retorno aos meus primeiros anos de vida, onde todo meu aprendizado se desenvolveu na língua alemã, falada por meus pais, outros familiares e, inclusive, pelos vizinhos da rua no Alto da Glória onde morávamos. Aos quatro anos fui para a escola, Jardim de Infância Cirandinha, a três quadras da minha casa, sem saber pelo menos uma palavra em português. Quando conversaram comigo acerca de ir à escola, as oportunidades que ela me traria, achei que seria algo muito bom, até porque o uniforme era lindo. No primeiro dia fiquei muito ansiosa para chegar a hora de colocar o uniforme e ir, meus pais me levaram.

Enfim, chegou a hora de ir! Uma vez lá, estranhei que meus pais falaram em outra língua – português – com uma mulher, me deram um beijo e disseram: "wiedwesehen, benimm dich" (tchau, se comporte). Algo que não soou diferente, já que ouvia isso sempre que ia na casa de uma vizinha para brincar. Entretanto, após meus pais irem embora, outra realidade se fez presente.

A mulher com quem meus pais conversaram, me pegou pela mão e me levou ao parquinho onde havia muitas crianças com aquele uniforme lindo como o meu. Pensei comigo, lugar legal mesmo, vou poder brincar muito aqui. Fui direto até a gangorra, brinquedo que eu adorava (adoro) e no qual eu brincava por muito tempo aos domingos quando ia ao Passeio Público com meu pai. Gangorra é para brincar em duas pessoas, então, fui até uma menina que estava sentada sozinha em um canto e a chamei, em alemão, para brincar comigo. Ela me olhou assustada e não falou nada. Repeti o convite e ela falou algo que não entendi, assim, a peguei pela mão e a levei até a gangorra comigo. Ela se sentou, não tirava os olhos de mim e, também, não falou nada. Acho que ela não sabia brincar na gangorra, demorou para ela entender o brinquedo, mas, quando entendeu, ela até sorriu.

Fim da brincadeira, hora de entrar, como assim? Veio aquela mesma mulher, pegou nós duas pela mão e nos levou para a sala. Ao chegarmos lá, já havia várias crianças sentadas em cadeirinhas em volta da mesa e uma outra mulher, nossa professora. Essa veio até nós duas, deu um abraço e falou várias coisas das quais não entendi absolutamente nada. Ficamos, minha amiga da gangorra e eu, paradas no mesmo lugar, até que foi possível entender pelo gesto da professora que deveríamos nos sentar. Levei minha amiga pela mão até uma mesa onde sentamos somente nós duas. A professora apontou para outra mesa onde havia duas meninas, acho que ela queria que nos sentássemos com elas, mas eu disse: "nein, vir bleiben bier" (não, vamos ficar aqui). Acho que a professora não entendeu nada, mas nos deixou onde havíamos sentado. A professora começou a falar com todos, algumas crianças também e aí comecci a me preocupar. O que estavam falando? O que queriam? Virei para minha amiga e perguntei: "Hast du irgendwas verstanden?" (você entendeu alguma coisa?). Minha amiga só me olhava, parecia apavorada e me disse: "iie" (não). Pela cara dela entendi como não e achei que ela não sabia falar direito e a corrigi: "ist nein" (é não), mas sem resultados. Na mesa havia papel e giz de cera. Quando vi que todas as crianças começaram a desenhar, fiz o mesmo e, como minha amiga não se mexeu, peguei um lápis e coloquei na mão dela, mas ela não quis e começou a

chorar. Por quê? O que eu fiz? Lá vem a professora conversar com ela, quanto mais ela falava, mais a minha amiga chorava. Como ela não se acalmava, a professora começou a falar comigo, sei lá se ela achou que nós duas nos conhecíamos. Aí o caldo entornou, eu não conseguia entender nada do que a professora falava, minha amiga além de chorar, também começou a falar e eu também não entendia nada. Pânico! Comecei a falar e foi o caos! Três pessoas falando 'coisas' diferentes, a p a v o r e i! Aí a professora nos abraçou, nos colocou no colo e todas as outras crianças nos olhando. A professora falou alguma coisa para elas que voltaram a desenhar e nos colocou no colo, uma em cada perna, até minha amiga parar de chorar. Depois disso, a professora passou a falar conosco b e m d e v a g a r e gesticulando muito. Calma estabelecida e desenho retomado, exceto minha amiga, que ficou na dela.

Tivemos outras atividades, eu continuava não entendendo nada que a professora ou as outras crianças falavam, minha amiga continuava parada e calada, mas eu olhava o que os outros faziam e copiava. Até que....eu precisava fazer xixi. Em casa eu havia sido orientada que, na escola, eu tinha que pedir permissão para a professora para tudo que eu quisesse. Sem problemas, fui até ela e falei que: "Ich muss pinkeln" (eu preciso fazer xixi). Ela me olhou, não entendeu nada, mesmo eu falando b e m d e v a g a r...mas, nada! Coloquei a mão na minha saia, achando que ela entendia sinal, mas, de novo, nada! Resumo, acabei fazendo xixi nas calças na frente de todo mundo. A professora fez cara de assustada e as crianças começaram a rir, menos a minha amiga, que pareceu mais apavorada ainda. Aí meu mundo desabou, chegou a minha vez de chorar. Fui retirada da sala, me levaram ao banheiro, me deram uma troca de roupa. Neste momento, foi a primeira vez que ouvi uma palavra conhecida — 'troque'. Pensei, não é troque, é "trocken" (secar), e 'vai demorar muito pra minha roupa secar e tem que lavar ela antes'. Expliquei isso para a moça que estava comigo, mas não adiantou. Ela suspirou e acabou trocando a minha roupa.

De roupas secas, fui levada para outra sala enorme para lanchar. Era isso porque estavam todos com suas lancheiras, isso era comer. Nesta sala havia muitas crianças e me sentei onde a moça me colocou. Comecei a olhar para os lados, cadê a minha amiga? Quando a achei, a chamei com a mão. Ela sorriu, mas não se mexeu do lugar. Então, comendo meu lanche – tinha gosto e cheiro de casa: Quero ir pra casa! Para mim era simples, vou acabar de comer e aí vou pra casa! Ledo

engano... acabamos o lanche e lá vamos nós novamente para a sala na qual eu havia feito xixi. Nem pensar, coloquei a boca no trombone e comecei a chorar, ou melhor berrar... quero ir pra minha casa! Lembrava que morava perto, assim, se eu gritasse alto, minha mãe me ouviria e me buscaria! Mais uma vez, ledo engano! Chorei o resto da tarde, sem efeito algum.

Enfim, chegou a hora de ir ao parquinho novamente para esperar os pais. Algumas mães já estavam no portão. Cadê a minha mãe? Nada dela. Eis que, de repente, minha mãe chega e com ela outra mulher. As duas conversando. Quando a vi, fui correndo para o portão e junto comigo minha amiga. Me agarrei na minha mãe e ela na mulher que estava conversando com minha mãe. As duas nos pegaram no colo e continuaram a conversar e a minha amiga e eu nos olhamos porque nós duas não entendíamos o que elas estavam falando. Indo para casa com minha mãe, mistério desvendado, minha amiga era de origem japonesa e, como eu, também não falava português, somente japonês com sua família. Que confusão! Em casa, porto seguro, contei o que aconteceu na escola e disse que não queria mais ir porque ninguém me entendia e eu não entendia ninguém! Meus pais me disseram que todas as crianças tinham que ir para a escola e que era a hora de eu aprender português, e que a escola era um lugar para isso. Pela primeira vez perguntei para os meus pais se eles sabiam falar português e fiquei abismada quando eles responderam que sim. Por que não me ensinaram? Porque, onde eu morava, ninguém falava português! Enfim, os dias seguintes não foram fáceis, mas aos 5 anos, meu segundo ano de escola, aí no pré, além do alemão, já falava e, também, lia e escrevia em português.

Contei esta história porque considero que, de alguma maneira, esta minha estreia escolar me marcou e acredito que ela corroborou com a minha escolha pela Fonoaudiologia. Comunicar é preciso, como é importante poder falar e ser entendida pelos outros. Acho que, a partir das histórias dos surdos, houve uma identificação, empatia pelas pessoas que possuem dificuldade em interagir com os outros pela palavra! E, melhor, eu poderia ajudar as pessoas a se relacionar com os outros por meio da fala.

A escolha surgiu na minha infância, foi reafirmada na adolescência e se consolidou na vida adulta como a maior, se não a melhor, escolha da minha vida! E viva a Fonoaudiologia!



Rafaela Moraes

Sou a Rafaela, tenho 21 anos, natural de Jaguariaíva-PR, mas resido em Doutor Ulysses-PR desde que nasci, cidade pequena da região metropolitana de Curitiba. Lá sou conhecida como a filha do professor Carlos e da professora Tatiane. Até a minha adolescência fui filha única, pois minha irmã Laura nasceu um pouco antes de eu completar 15 anos.

As lembranças que tenho da minha infância são, em sua maioria, agradáveis, tinha uma boa convivência com os meus avós, tios, tias e primos, maternos e paternos.

Comecei a ir para a creche ainda bebê, pois meus pais trabalhavam o dia todo e essa era a melhor opção. As memórias que tenho de quando frequentava a creche não são muitas, mas me recordo que tinha contato com livros, com isso, meu maior sonho era ir para a escola para aprender a ler e a escrever.

Lembro-me de estar animada e que meus pais sempre estavam me incentivando. Porém, quando meu sonho iria se realizar, ele acabou se tornando um pesadelo. Quando cheguei à escola, a professora era rígida, eu tinha medo dela e, por conta disso, crises de choro "por coisas bobas" (como quando chorei porque havia quebrado a ponta do meu lápis) e até sentia dores no estômago. Meus pais ficaram preocupados, me levaram ao médico, mas não tinha nenhum problema físico, as dores e choros eram apenas devido ao nervoso. Minha mãe começou a

fazer alguns chás, me dizia que não sentiria mais dor e que eles me deixariam calma e, realmente, diminuíram as dores e choros.

Não gostei desse primeiro ano da escola, é uma coisa que me deixa mal até hoje e acredito que isso pode me impactar, pois ainda lembro da sensação de decepção e angústia sentidas com as experiências vividas. Contudo os anos seguintes foram mais tranquilos, minha mãe foi professora da minha turma e a experiência foi bacana. Mesmo minha mãe sendo a professora, me sentia mais confortável na escola, além de que as vivências do dia a dia escolar nos trouxeram experiências divertidas e que foram muito boas para ambas.

Depois que finalizei os anos iniciais do Ensino Fundamental, numa escola municipal, fui para um colégio estadual, onde meu pai trabalhava. Lembro de estar apreensiva com tantas mudanças (colegas, ambiente e matérias diferentes), mas, mesmo assim, estava animada em ter aulas com meu pai. Coincidentemente, minhas primeiras aulas na nova escola foram com ele, foi bem engraçado, pois nunca tinha visto meu pai tão sério, entretanto, em geral, foi tranquilo. A partir daí, minha vida escolar estava mais leve, eu tirava notas boas e me dedicava bastante.

O fato de meus pais serem meus professores me ajudou a melhorar minha relação com o ambiente escolar, visto que consegui ressignificar a relação negativa que havia estabelecido com a professora. Além disso, em nenhum momento eles eram rígidos em relação a notas e rendimento escolar, pois percebiam que eu mesma já o fazia, potencializando os momentos de nervosismo que passaram a ser ocasionais (devido a trabalhos e provas).

No Ensino Fundamental, as professoras de português exigiam que cada aluno lesse um livro e fizesse um resumo e os livros eram definidos, pelas professoras de português, de acordo com a idade.

Eu não tinha hábito de leitura, gostava de ouvir meu pai contando as histórias dos livros que ele lia, mas quando ele me emprestava o livro, minha leitura não fluía. Recordo que em um dos trabalhos indicados para leitura eu até estava gostando, mas na metade isso mudou, eu pulei algumas páginas e terminei a leitura para realizar o trabalho.

Nessa época, eu via a leitura apenas como uma obrigação que os professores impunham, mas quando minha mãe comprou o livro "A culpa é das estrelas", eu e meus pais começamos a ler

juntos e "criamos uma competição" para ver quem terminava de ler primeiro. Foi aí que eu realmente peguei o gosto pela leitura, terminei o livro em segundo lugar, minha mãe terminou primeiro, mas foi empolgante terminar antes do meu pai, pois ele tinha mais hábito de leitura. Eu li este livro, pelo menos, três vezes, pois fiquei encantada com o romance entre os personagens. Além disso, uma coisa que me marcou foi que, quando assisti ao filme, fiquei decepcionada, pois o livro era bem melhor.

Algum tempo depois, assisti ao filme "Divergente" e descobri que tinham livros relacionados à história do filme. Pedi para os meus pais os três livros da série e minha mãe perguntou se eu conseguiria ler todos, pois eram grandes. Eu disse que sim. Ganhei os livros e não demorei muito para ler os três: lembro-me de ficar quase todas as tardes lendo, pois estava animada. Aí comecei a emprestar livros de amigas e pedi alguns para meus pais também. Mudei completamente minha visão sobre os livros e até os trabalhos baseados na leitura de livros passaram a ser uma coisa legal de se fazer.

Continuei lendo bastante até o último ano do Ensino Médio, apesar de ter mais coisas para fazer (estudar, arrecadação para formatura) e decidir qual graduação cursar.

Durante os anos escolares, fazer uma graduação era algo definido para mim, visto que minha família sempre valorizou os estudos, principalmente meus avós, maternos e paternos. Sendo assim, por influência do meu avô paterno, cogitava fazer Arquitetura, pois ele achava que a profissão iria combinar comigo. Ou Direito, já que ele queria uma neta doutora e ele sabia que eu não tinha interesse pela aréa da saúde. Eu cheguei a considerar ambas as possibilidades, mas, aos pesquisar sobre os cursos, não me identifiquei.

Depois de descartar as sugestões do meu avô, pensei em fazer Jornalismo, já que tinha interesse em atuar como jornalista esportiva. Entretanto, ao final do Ensino Médio, comecei a pensar em cursos na área da Educação, como Letras (Inglês) e História, pois eram as minhas matérias favoritas no colégio.

Conheci a Fonoaudiologia no último ano do Ensino Médio, quando um tio, que trabalha na área da saúde, me falou sobre a profissão, que havia demanda de trabalho na minha cidade e que ainda não havia nenhum profissional atuando. Contudo, eu tinha uma recusa em fazer algum curso na área da Saúde, por medo de atuar ou por experiências negativas com profissionais da área,

mas comecei a pesquisar e fui me interessando pela Fonoaudiologia. Não sei exatamente em que momento, mas eu decidi que essa seria minha primeira opção de escolha.

Eu não tive nenhum tipo de cobrança por parte dos meus pais para escolher um determinado curso, eles sempre me ajudaram a procurar diferentes opções, me deixando tranquila para terminar o Ensino Médio e para que não me sentisse obrigada, de imediato, a iniciar uma graduação. A partir disso, eu decidi que iria ficar um ano fazendo cursos, me preparando para começar a graduação e ter mais certeza sobre o que queria.

Terminei o Ensino Médio em dezembro de 2018, no entanto, em janeiro de 2019, quando saíram as notas do ENEM, minha mãe e eu ficamos animadas com minha nota, visto que eu não havia me preparado tanto para o exame, mas começamos a fazer simulados em alguns sites de faculdades para ter uma ideia de em quais eu conseguiria ingressar com aquela nota.

Naquele momento, eu entrei no portal da Universidade Tuiuti e achei que estava fazendo um simulado, mas quando preenchi os dados e enviei, recebi uma mensagem confirmando a inscrição no curso de Fonoaudiologia. Foi engraçado, pois eu realmente me inscrevi sem perceber e passei a esperar a resposta da faculdade. Fiquei preocupada, pois o curso era presencial e eu teria de mudar de cidade, porém meus pais me ajudaram a manter a calma e aguardar a resposta.

Alguns dias depois, recebi a mensagem dizendo que fui aprovada, então entrei em contato: eles me informaram que eu deveria fazer minha matrícula e que não iriam abrir turmas no período em que havia me inscrito (manhã), mas apenas à noite. Diante dessa notícia comecei a chorar, pois estava planejando tudo para estudar no período da manhã e meus pais ficaram apreensivos, porque à noite acreditavam ser perigoso e ainda não sabíamos onde eu iria morar. Foi quando uma tia informou que havia uma van que levava os alunos de Cerro Azul (cidade vizinha a que eu morava) e, assim, eu poderia morar com os meus avós paternos que residem em Cerro Azul.

Mesmo um pouco nervosa com tantas mudanças nos meus planos, decidi iniciar a graduação. Penso que tomei a decisão, pois no fundo queria arriscar, além disso foi fundamental o apoio dos meus familiares, namorado e amigos, assim a decisão acabou se tornando mais fácil. Também creio que a empolgação com a aprovação na universidade fez com que a apreensão em relação às mudanças não atrapalhasse.

Ao longo do primeiro ano de faculdade, tive dificuldades para me adaptar à nova rotina. Lembro-me de que acordava cedo, estudava e tinha que estar na van à tarde. Nos primeiros meses, não conseguia me organizar bem com os horários, tinha que tomar remédio para não passar mal na viagem e isso vinha me atrapalhando durante as aulas, além do fato de que, ao me deparar com textos pertencentes ao gênero acadêmico, me sentia despreparada e acreditava que só eu estava passando por isso, o que me deixava angustiada. Por medo de não atingir as notas para passar nas disciplinas, não tinha tempo para mim, para lazer ou para ler livros que gostava. Contudo, mesmo com as dificuldades e cansaço, eu estava gostando do curso e posso dizer que a Fonoaudiologia vem ganhando meu coração e me surpreendendo a cada dia que passa.

No segundo ano de faculdade, me mudei para Curitiba, visto que assim teria mais tempo e seria menos cansativo. Fiquei um mês e as aulas começaram a ser remotas, devido à pandemia. Com isso, voltei para casa dos meus pais em Doutor Ulysses. No primeiro semestre, pude ter mais tempo para estudar e me organizar. Então, no segundo semestre eu comecei a cogitar fazer iniciação científica, comentei com algumas amigas e elas me convidaram para fazer pesquisa com a professora Giselle Massi, a qual eu admirava muito. A professora nos apresentou dois temas diferentes e acabamos optando por fazer nossos trabalhos sobre Vínculo Terapêutico.

A partir do desenvolvimento do meu trabalho de iniciação científica consegui me apropriar do tema e melhorar a minha relação com os textos do gênero acadêmico, isso foi possível devido à ajuda das minhas colegas e apoio da professora; consegui lidar com as dificuldades que surgiram ao longo do trabalho. Além disso, foi nesse mesmo período que ingressei na Oficina de Letramento, o que me auxiliou na mudança da minha visão sobre as dificuldades em relação à leitura e à escrita, podendo ouvir, compartilhar e ressignificar vivências, percebendo que eu não era o problema, e maneiras de lidar com as angústias que surgiam.

Consegui terminar meu trabalho, o que me ajudou a ver minha capacidade e a gostar de fazer pesquisa, além disso, estudar sobre vínculo terapêutico me ajudou a ter uma visão diferente sobre o ambiente clínico, tendo outro olhar sobre como as histórias de vida que os sujeitos trazem para a clínica e como a relação vincular, entre terapeuta e usuário, pode auxiliar do desenvolvimento dos processos terapêuticos. Após o término, fui convidada por uma aluna de mestrado, que vinha

nos auxiliando na iniciação científica, a fazer o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) junto com a tese dela sobre Vínculo Terapêutico, sobre o mesmo tema e com a mesma orientadora. Visto que tinha me interessado e reconhecido a importância do tema para minha prática clínica, aceitei o convite.

Comecei o meu TCC no 6º período da faculdade, que consistia em uma pesquisa com fonoaudiólogos do sul do Brasil, para tentar entender a relevância e o que entendem por Vínculo Terapêutico na terapia fonoaudiológica. Confesso que tive mais tranquilidade e segurança para iniciar o trabalho, mesmo com as dificuldades e inseguranças, me senti mais preparada. Terminei o trabalho no início do 7º período, no mesmo momento em que iniciei o estágio. Acredito que, tanto o trabalho de iniciação científica quanto o TCC, me auxiliaram na atuação clínica.

Os trabalhos me trouxeram reflexões sobre o papel do fonoaudiólogo, que a atuação não deve consistir somente na técnica, focado apenas exercícios, e que há importância em ouvir o outro e ajudá-lo a ressignificar suas angústias e vivências, tudo isso dentro de uma relação vincular, que possibilita ampliar a confiança entre usuário e terapeuta. Sendo assim, acredito que a iniciação científica e o TCC, me fizeram ter mais certeza quanto à minha escolha pela Fonoaudiologia.



Sammia Klann Vieira Bagolin

Foi após um telefonema despretensioso de uma amiga da minha mãe a ela que eu ouvi pela primeira vez a palavra: fo-no-audio-lo-gia.

O poder da palavra. Uma palavra: fonoaudiologia. O poder da ação: Um telefonema. O poder do outro. Minha mãe e sua amiga em uma conversa.

Foi após essa conversa, que minha mãe contou sobre a mudança de rumo profissional da filha dessa mesma amiga, que me questionei o que seria Fonoaudiologia? O que essa profissão carregava? Em quais áreas atuaria?

O poder do questionamento. O poder da troca.

Foi após uma breve pesquisa no site da Universidade que ofertava esse curso que decidi, então, ingressar no curso de Fonoaudiologia.

O poder do acesso. O poder do processo.

Foi após a supervisão de estágio no último ano do curso de fonoaudiologia que a professora nos indagou o que pensávamos em fazer após a graduação e alguns caminhos que poderiam ser trilhados que cogitei a entrada no Mestrado.

O poder da palavra. A palavra do outro. O poder da ação: o diálogo. O poder do outro: minha supervisora de estágio.

Foi após muitas conversas e discussões com duas Anas que enfrentei e decidi o tema da minha pesquisa. A discussão de um atendimento clínico fonoaudiológico (realizado por mim e supervisionado por essas duas Anas) junto a um paciente adulto com queixas de oralidade e leitura/escrita.

O poder da palavra. Das muitas palavras. O poder do embate e do debate. O poder da subjetividade. O poder do olhar do outro sobre o mundo. O poder do olhar do meu paciente: "J".

Foi após a elaboração de uma proposta dentro da Oficina de Letramento que surgiu a ideia da escrita de um livro, eu que pensava não ter nada a dizer, e muito menos a escrever, de primeira não quis escrever o livro que hoje me é tão caro. Mas foi após o convite de uma amiga (muito querida), de compartilharmos juntas nossa história e então a elaboração do nosso capítulo do livro Entre(laços): rescrevendo história, que fiz a primeira escrita de um livro.

O poder da palavra. O poder de ouvir. O poder de aceitar. O poder de se permitir. O poder da história do outro: a história da minha amiga Claudineia.

Foi após o convite de uma Professora para trabalhar com ela em uma associação destinada à pacientes com Fissura Lábio-Palatina que lembrei do meu tio que nasceu com fissura, da dor da minha avó ao lembrar das dificuldades que enfrentou naquela época, que lembrei do meu primeiro paciente da época da faculdade que tinha fissura, que aceitei o desafio de estar dentro desse serviço, e fissurada pelo mesmo.

O poder da palavra. O poder da experiência. O poder da lembrança. O poder da marca. A marca de uma história.

Foi após 5 anos de namoro, que juntamos as escovas de dentes, as histórias, as famílias, as criações, os sonhos, as manias, a bagunça que já nem lembrávamos mais que existia e, quando vimos, nem parecia ter mais separação do que era meu e o que era dele, e passamos a ser nós por nós até o fim.

O poder da palavra. O poder do sim, o meu sim, o sim dele. O poder do casamento. O poder de voar e fazer o outro voar. O poder do amor. O poder do meu amor: Samuel.

Foi após um convite para participar do processo seletivo da bolsa de estudo para o doutorado que cogitei voltar (mais uma vez) para a Universidade.

O poder da palavra. Do convite. O poder da acessibilidade. O poder de pertencer. O poder da Universidade. O poder dessa Universidade: UTP.

Foi após dar a minha primeira aula aos alunos da graduação, a pedido dessas duas (mesmas) Anas, que vêm me encaminhando, que percebi minha paixão ao falar sobre Linguagem e a partir dessa experiência pude revisitar a história da minha família. A história da minha mãe professora de Português e Redação, aliás, minha professora. A história do meu pai Administrador de empresas, mas um amante das salas de aula, que também já atuou como docente no curso de graduação de Administração.

O poder de inspirar. O poder de acolher. O poder de encaminhar. O poder da família. O poder da minha família sobre a minha história: Os "Klann's" e Os "Vieiras".

Comunicar, dialogar, "monologar", escutar, me escutar, ensurdecer, sonhar, criar, estar, desistir, resistir, transformar, ler, reler, escrever, reescrever, reler de novo, reescrever de novo (e mais outras muitas vezes), rir muito e chorar na mesma intensidade, foi um pouco do que vivi e vivo nesses quase 10 anos de UTP.

O poder das palavras. O poder da palavra do outro. O poder da minha palavra. O poder da linguagem. O poder do diálogo. O poder de ser. O poder de ser quem eu quero ser: A fonoaudióloga sócio-histórica, cristã, casada, doutoranda, doida por organização (e não só por isso). Prazer, Sammia.



Solange Fabiana Gebauer

Convido o(a) caro(a) leitor(a) a entender um pouco da minha história, de como a busca pelo aprender, conhecer, se alimentar do mundo das letras, tem me transformado, como ser, reconhecendo minhas dificuldades e buscando sempre melhorias, mesmo que tenha muitos degraus para subir, se assim me permitir. Tenho 40 anos, sou casada e mãe de três filhos.

Sou oriunda de uma família de origem alemã do Rio Grande do Sul, natural de São Miguel do Iguaçu, cidade interiorana do Oeste do Paraná.

Na década de 90, minha família morava em uma comunidade que se chama Jacutinga, uma praia formada pelo lago de Itaipu. Meus pais eram pescadores e tinham um pequeno comércio. Foi nessa comunidade que eu ingressei na escola Cruz Machado aos 7 anos de idade, onde a Professora Iolanda lecionava para 4 turmas ao mesmo tempo, circunstância que me levou a diversas dificuldades no aprendizado, pela língua que falávamos em casa, um dialeto do alemão. Por conviver em um ambiente em que só se falava o alemão, quando comecei a frequentar a escola, essa exigência de falar e escrever somente o português me fazia sofrer, por vezes eu chorava, pela dificuldade em aprender e acompanhar os demais colegas.

Outra situação era a falta de material escolar, pois meus pais não tinham essa preocupação com os estudos, para eles era desnecessário esse investimento.

Meu irmão estudava na cidade, no Colégio estadual Costa e Silva, que ficava a 5 km da nossa casa, onde eu sonhava em estudar um dia, pois pensava que ali tudo seria diferente, outros alunos, além do inglês que era ministrado naquela escola. Na minha cabeça, pensava "se não aprendi o português, quem sabe teria facilidade com o Inglês, por ser uma língua com palavras muito parecidas com o alemão".

Não me recordo de tarefas de casa com apoio dos pais, minhas tarefas como estudante para os meus pais era algo sem importância no entendimento deles. Como mãe, hoje, entendo o quanto é importante o apoio dos pais na alfabetização dos filhos, que esse papel não é somente da escola, cabe à família contribuir com o despertar do conhecimento dos seus filhos.

Passaram-se os 4 anos do ensino fundamental que aquela escola ofertava e, então, chegou o momento de ir estudar na cidade, na 5ª série; quantos sonhos eu tinha para aquele momento, ganhei, então, uma mochila, sim, uma mochila e um caderno grande. Eu ia de ônibus todos os dias e o que eu sonhava que seria o melhor para mim, não se concretizou: passaram-se alguns meses e comecei a sofrer *bullying* e ser piada, pelo meu sotaque.

O colégio, por sua vez, ficava a três quadras de casa e eu ia a pé, estudava à noite e, mesmo ainda sofrendo *bullying*, tive amizades que me ajudaram a compreender os desafios da leitura e da escrita.

O meu entendimento, atualmente, que o que era *bullying*, na realidade, serviu para me impulsionar a buscar o conhecimento, a melhorar não só o meu português, mas o próprio alemão, pois aqueles adolescentes não tinham o mesmo privilégio que eu, de ter o conhecimento de dois idiomas.

Muito jovem, me envolvi em um relacionamento que resultou em uma gravidêz inesperada, casei-me, mas não desisti do meu sonho de estudar, continuei a frequentar as aulas até o final do ano.

No ano seguinte, no primeiro mês de aula, minha filha Karolaine, nasceu; para mim, ainda com 14 anos de idade, às vésperas de completar 15 anos, minha filha foi o presente mais lindo que recebi. À noite, deixava minha filha com meu irmão e sua esposa e eu ia para escola, pois eu tinha um sonho, cursar uma graduação. Mas as dificuldades começaram a surgir, pois eu saia para amamentar e perdia muito conteúdo; decidi que, no momento, tinha que parar de estudar e cuidar de minha filha.

Porém o desejo de voltar a estudar, de buscar conhecimento, de cursar um nível superior, brilhava dentro de mim. Decidi que tinha que voltar a estudar, pois não enxergava um futuro para mim, sempre ouvia dizerem que futuro só tem quem estuda, então retornei à escola e, para não desistir, estudava à noite e trabalhava de dia.

No meu trabalho, não estava feliz. Decidi fazer faculdade, pois sabia que só assim seria mais bem vista e mais bem remunerada. Decidi, vou ser professora. Me inscrevi em Pedagogia, comecei a cursar e, quando passaram-se 6 meses, fomos fazer um trabalho na escola. Para minha surpresa, meu mundo desabou, não era como sonhei, quando vi a professora com aquelas crianças todas, aquela agitação, percebi que aquela profissão não era para mim e desisti do curso.

A prefeitura da cidade (Itaipulândia) abriu uma proposta de incentivo ao estudo e que todos os moradores com mais de 5 anos na cidade teriam por direito metade de uma graduação paga e eu, então, fui atrás de minha graduação, no curso de Logística. Nesse período, trabalhava em um frigorífico. O proprietário da empresa me deu uma promoção, pois reconheceu todo meu esforço em buscar o conhecimento em prol da empresa. Passei a um cargo de chefia: eu que analisava possíveis contratados e, também, além da minha rotina de trabalho, assessorava a empresa quanto a instruir e, até, a demitir funcionários inaptos às funções desempenhadas.

Alguns anos se passaram e conheci meu esposo, o Julio. Como ele morava em Ponta Grossa, eu me mudei para nos casarmos e, então, tivemos a minha segunda filha, Ana Júlia. Por esse motivo tranquei a faculdade, faltando 6 meses para concluir o curso. Meu esposo foi transferido para Porto Velho, Rondônia. Comecei a fazer curso pré-vestibular, pois desejava cursar uma outra área e não dar continuidade ao curso de Logística que havia trancado.

Então, comecei a procurar uma faculdade que oferecesse Nutrição, estava muito empolgada com a nova escolha, pois me identificava com a questão dos alimentos, mas, por uma situação familiar, resolvi que não poderia mais fazer faculdade nessa área. As dúvidas se intensificaram, e a pergunta não calava: o que vou fazer? Vou conseguir cursar uma faculdade?

Nesse meio tempo, engravidei do terceiro filho, o Pedro Henrique. Aguardei até que ele completasse um ano e meio para, então, pensar em voltar para os estudos. Estava mais experiente, com 37 anos. Foi, então, que fiz um teste vocacional, que resultou em algumas áreas possíveis e entre

elas estava a Fonoaudiologia. Busquei alguns sites e sobre as áreas de atuação da fonoaudióloga. As informações a respeito do curso, relacionadas à fala e às trocas me levaram a pensar que, com essa graduação, eu iria aprender a falar certo, por causa do meu sotaque, bem como, ajudar a ressignificar a história de outras pessoas que também sofressem preconceitos linguísticos como o que eu sofria.

Prestei vestibular para Fonoaudiologia na faculdade Sant'Ana de Ponta Grossa, fui aprovada e, logo ao iniciar o curso, as dificuldades vieram ao me deparar com o gênero de texto acadêmico. Com a pandemia da Covid 19, as dificuldades se intensificaram, uma nova tecnologia para aprender, professores querendo ter certeza do aprendizado na faculdade, começou a enxurrada de atividades e trabalhos acadêmicos, tudo *online*. Com apenas dois semestres na faculdade Sant'Ana, submeti um trabalho ao comitê de ética, para ser publicado em uma revista científica, isso só me motivou mais ainda, a seguir em frente.

Ainda no período da pandemia, em dezembro de 2021, decidimos nos mudar para Curitiba e, para minha alegria, tinha o meu curso no período da manhã na Universidade Tuiuti do Paraná. Consegui a transferência e aqui estou, relatando um pouco de minha vida e da escolha da graduação, minha necessidade de aprender, minha busca diária pelo conhecimento, ressignificando minha história, enfim, tenho vencido todas as minhas dificuldades. Eu, que não tive o acesso à educação que as demais meninas da minha época tiveram, estou na faculdade, fazendo um curso na área da saúde; quanto privilégio e orgulho da futura profissional que serei.

Estou cursando o 7º período, com meu TCC já apresentado, com a temática da amamentação, com ênfase no desmame precoce do aleitamento materno na prática clínica fonoaudiológica, uma revisão integrativa, assunto motivado pela minha experiência como mãe e como universitária.

E, nesse caminho acadêmico, nos deparamos com pessoas que nos desapontam e com outras que nos motivam, como alguns professores que nos mostram que, por mais árduo que seja o trajeto a percorrer, ele pode nos trazer leveza e nos motiva a ler, a ouvir, a refletir sobre; é nessas pessoas que me espelho e nelas que busco minha força e em dizer que, quando eu crescer, vou querer ser igual.

Participando da Oficina Letramento oferecido nesta instituição, um espaço para discutirmos e compartilharmos aprendizados e relatar os possíveis sofrimentos vivenciados com a leitura e escrita

na graduação, tive a oportunidade de descrever um pouco da minha história e o que me levou a escolha do curso de fonoaudiologia. Hoje, tenho a certeza de que fiz a escolha certa da graduação, que todo esse trajeto percorrido se fez necessário para formar uma futura profissional que persiste nas suas escolhas e decisões, me tornando forte e um ser capaz, que tudo depende de nós mesmos e do nosso interesse de ir em busca do conhecimento.

Finalizo minha história, tendo a certeza de que posso cair, tombar, até desistir por um tempo, mas sempre levanto a cabeça, olho para frente e me reconstruo até alcançar o meu principal objetivo, a incansável busca pelo saber.

"E ainda que tivesse o todos os dons, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria". (1 Cor 13, Bíblia)



Vitoria Meira

Olá, me chamo Vitoria, atualmente tenho 21 anos, sou natural de Roncador, uma cidade com apenas 11 mil habitantes do interior do Paraná e, só para deixar claro, não é todo mundo que ronca por aqui (rs).

Trago boas lembranças da minha infância, mas as mais especiais são ao lado da minha avó paterna, Iraídes, que infelizmente já se foi. Mesmo tendo passado poucos anos ao seu lado, consigo me recordar de vários momentos especiais em que ela esteve junto comigo. Minha avó sempre me mostrou a vida de uma maneira muito linda e leve, ensinou que para sermos felizes sempre tínhamos que confiar em nós mesmo e, o mais importante, ir atrás dos nossos sonhos, mesmo que fossem os mais impossíveis de seguir.

Lembro-me de que amava ir ao trabalho dos meus pais. Na época, meu pai trabalhava em um mercado e, aos domingos, era locutor de uma rádio da cidade. Sempre o acompanhava, mas quando não podia ir (porque, normalmente, estava na casa dos meus avós paternos) eu me juntava com toda a família para escutar o abraço e a música que meu pai nos oferecia: era a atração de todos os domingos. Quando ia até a rádio, me lembro de ficar encantada da forma que era transmitido e o tanto de informações importantes que, na época, o meu pai repassava às demais pessoas. Creio que esse foi um dos motivos de sempre ter sido uma criança curiosa por informações e, também, muito comunicativa.

Minha mãe é professora e ir à escola em que ela trabalhava (e é a qual ela trabalha até hoje) era mágico. Lembro-me de sempre ficar conversando com os alunos dela e os demais professores. Na escola, todos os anos, havia o evento "varal de poesias", para o qual os alunos criavam suas próprias poesias ou recitavam poesias famosas para toda a escola. Não me lembro bem quantos anos eu tinha, mas criei minha própria poesia, com ajuda da minha mãe, e recitei para todos, mesmo não estudando lá. Aquele momento foi sublime e as colegas de trabalho da minha mãe e meus primos maternos sempre falavam que eu seria uma grande escritora.

Quando eu tinha 4 anos, ganhei um irmão, o João Hortêncio, e aos seus 2 anos descobrimos que ele apresentava "dificuldades" em sua fala; com isso tivemos um longo percurso por vários neurologistas e fonoaudiólogos. Mesmo as pessoas dizendo que ele "não sabia falar", para mim não era um problema, pois eu sempre entendia tudo o que ele queria dizer, mesmo sendo de uma forma um pouco diferente. Com todos esses anos de acompanhamento, meu irmão sofreu muito, pelo fato de poucas pessoas conseguirem entender o que ele falava, sempre foi uma criança muito calada, pois tinha vergonha das outras pessoas darem "risada" do seu modo de se comunicar. Me recordo da pressão que minha família e as outras pessoas faziam sob meus pais, sempre perguntando se meu irmão não iria conseguir falar, e isso fazia com que eles ficassem angustiados. Foram anos de terapia, cada frase que ele conseguia se apropriar era a alegria da família. Com isso, todos nós desenvolvemos admiração imensa pela profissão, pois a fonoaudiologia é capaz de transformar vidas.

Quando fiz 10 anos, minha mãe cismou que eu precisava de um acompanhamento fonoaudiológico, pois, ao escrever, eu tinha muitas trocas. E lá fomos nós, eu e meu irmão, em acompanhamento com a mesma fonoaudióloga. As sessões eram aos sábados de manhã e eu comecei a ter pavor, pois passava a semana toda na escola e quando chegava aos sábados, adivinhem? Ia para a fono, fazer diversos exercícios. Creio que pela idade, não gostava de escrever e muito menos de ler, pois se tornava algo angustioso, por conta das minhas trocas na escrita.

Mesmo tendo toda essa história com a fonoaudiologia, nunca havia pensado em cursar, mas sempre soube que queria algo na área da saúde. Na adolescência veio o desejo de cursar medicina, mas acredito que houve um pouco de influência da família, pois, na época, duas primas minhas haviam passado no vestibular.

Creio que a fonoaudiologia escolhe pessoas. Em um certo dia, pesquisando cursos, nesses sites institucionais, sabe? Apareceu o curso de fonoaudiologia. Quando vi o nome, algo me tocou e passou pela minha mente tudo o que a fonoaudiologia já havia proporcionado para minha família. A partir daquele momento eu soube que era o curso que eu iria entrar.

Ao falar para minha mãe sobre a decisão, ela achou uma ótima oportunidade: meus pais sempre me deixaram à vontade para escolher o que eu quisesse, sem passar a imagem do "curso/profissão" perfeitos.

No ano em que fui prestar vestibular, tive um interesse em cursar medicina veterinária, pois eu havia realizado o curso de Jovem Agrícola Aprendiz. E, lá fui eu, me inscrever em vários vestibulares, tanto para fonoaudiologia quanto para medicina veterinária. Tive a aprovação no curso de zootecnia, na UEPG, mas logo em seguida, uma frustração, não tive a aprovação no curso de fonoaudiologia, na UNICENTRO. Fiquei sem chão, pois passei o ano todo de 2018 me preparando para as provas e, em especial, a prova da Unicentro.

Mesmo com a aprovação em zootecnia, meu interesse ainda prevalecia na fonoaudiologia. Com isso, eu e minha mãe, fomos em busca de faculdades particulares. Para nossa tristeza, só havia em cidades muito longes de Roncador, mas, mesmo assim, me interessei por duas, a Universidade Tuiuti do Paraná em Curitiba e o Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz em Cascavel.

Acabei optando pela Tuiuti, me mudei para Curitiba e fui morar com os meus tios, com apenas 17 anos, a 500km longe de casa. No início, estava curtindo a ideia, até as aulas começarem e a saudade de casa apertar. Por ser uma pessoa muito comunicativa, fiz amizades na primeira semana de aula, algo que me trouxe um certo conforto, pois em Roncador, vivia rodeada de amigos. As aulas eram legais, mas quando a semana de provas chegou, foi o próprio terror, me sentia perdida, desenvolvi ansiedade e tinha muitas crises de choro, por não estar perto dos meus pais, me vi desesperada. Primeiro semestre de faculdade encerrado e adivinhem? Reprovei na matéria de Níveis de Estudo da Linguagem, lembro de passar o dia todo chorando, com medo de não conseguir continuar a faculdade. Mas, no momento em que voltei para a casa dos meus pais, eles me confortaram, sendo um estímulo para continuar e seguir com o meu sonho de ser fonoaudióloga.

Após minha reprovação na matéria, me tornei mais focada nos estudos, pois não queria sentir aquele sentimento de tristeza novamente. Hoje, olho para trás e vejo que foi necessário passar por essa fase.

O segundo ano da faculdade chegou, já estava mais acostumada com o fato de estar longe de casa e criado mais maturidade. Com isso, meus pais optaram por alugar uma kitnet perto da faculdade, para me virar sozinha. Estava tudo perfeito, morando perto da faculdade, trabalhando e cada vez mais apaixonada pelo curso.

Mas, como tudo que é bom dura pouco, a pandemia de COVID-19 chegou, assustando a todos nós. Voltei para casa dos meus pais, estudando *online* e, mais uma vez, a ansiedade me consumiu, foram meses tendo crises, até me acostumar com o novo ritmo de vida.

Como estava em casa, apenas estudando, tive interesse em participar da oficina de letramento. No começo, para ser uma distração, mas acabei gostando e me identificando com as pautas que eram discutidas; com isso, fui cada vez mais me aprofundando.

Lembra da minha reprovação na matéria de níveis de estudo da linguagem? Pois então, no segundo semestre, tive a matéria de bases de estudo da linguagem e foi essa matéria que me fez ser apaixonada pela área da linguagem. Com isso, em 2021 tive a iniciativa de entrar no projeto de iniciação científica da faculdade, fui em busca da Prof^a Rita, pois queria algo na área da linguagem e, como foram suas aulas que fizeram me despertar esse desejo, para mim não teria outra pessoa melhor para fazer parte desse projeto. Porém, como toda iniciativa, fiquei com medo e muita insegurança, pois ainda existiam sentimentos de frustração referentes à minha escrita.

Na escolha do meu tema, fiquei martelando por dias, até que, então, vi em jornais sobre o distanciamento físico social que estávamos vivenciando durante a COVID-19, o que fez despertar meu interesse em busca de respostas sobre esse assunto. Após muitos encontros com a orientadora e várias ideias sobre quais pautas acerca da COVID-19 discorrer no trabalho, juntamos a internet (que era o meio mais usado de comunicação na época) para analisar postagens no Youtube sobre o desenvolvimento de linguagem infantil no período de distanciamento físico/social decorrente a pandemia de COVID-19.

Durante a produção da escrita, houve momentos muitos difíceis, pois achava que não daria conta, a insegurança gritava mais alto. Mas com todo apoio da minha orientadora e das minhas colegas, finalizei o trabalho o qual tenho muito orgulho, pois me senti realizada ao conseguir discorrer sobre um assunto tão novo e, também, por mostrar que fui capaz de concluir. Sempre falo que esse tema foi de extrema importância na minha vida acadêmica, pois foi a partir dele que dei continuidade à pesquisa no meu TCC e, também, me mostrou que sem a comunicação e convívio social não somos nada.

Atualmente, conclui a faculdade, estou atuando na área da linguagem a qual, no primeiro ano de faculdade, trouxe sentimentos tão negativos (olha como esse mundo dá voltas, rs). Hoje, olho para trás e vejo a importância da comunicação e de como a fonoaudiologia me mostra diariamente como pode e, também, como transforma vidas.

O que nos faz sonhar
e transcender
limites é reconhecer o poder
de repensar
e ressignificar
a nossa história, nos tornando resilientes
aos sofrimentos e às críticas, superando-os
com a certeza
de pertencer
e ser (co)autor
das histórias entrelaçadas neste livro, em capítulos que acolhem
e ecoam
diferentes vozes.



(...) Logo, numa esteira de autonarrativas, na obra 'Entre(laços): ressignificando escolhas', os acadêmicos nos convidam a participar de suas histórias, a se emocionar e também a se inspirar com elas. À luz das diferentes realidades, os autores nos apresentam as dimensões que atravessaram as correntes de suas escolhas. Nos entre(laços), os narradores se compõe e trazem em si o outro que o transforma e é transformado por ele. (...) Nestas páginas, podemos reconhecer uma práxis que, amparada no exercício da leitura e dos saberes de mundo, retextualiza os processos de letramentos na Universidade.

Maria Alzira Leite

